



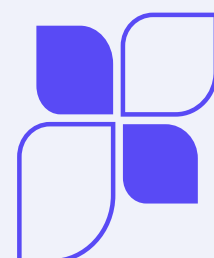
PROFuncionário

Programa de Formação Inicial em Serviço
de Profissionais da Educação Básica



Caderno 3 - Formação Pedagógica

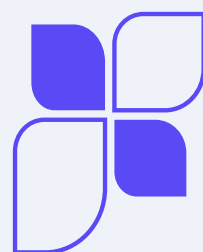
Homem, pensamento e cultura: abordagem filosófica e antropológica





PROFuncionário

Programa de Formação Inicial em Serviço
de Profissionais da Educação Básica



Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B823h Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica.

Homem, pensamento e cultura: abordagem filosófica e antropológica [recurso eletrônico] / Dante Diniz Bessa. - ed., rev., e atual. por Dante Diniz Bessa - Brasília: Instituto Federal de Brasília, 2025.

1 arquivo texto : 114 p. ; il. color. ; 17,1 MB. - (Programa de Formação Inicial em Serviço de Profissionais da Educação Básica; 3)

Formato: PDF.

Modo de acesso: World Wide Web.

ISBN 978-85-85862-41-1

1.Profissionais da educação. 2.Seres humanos - Mudança. 3.Profissionalização.
4.Educação Básica. I.Bessa, Dante Diniz. II.Título. III.Série.

CDU 101:572

Catalogação na fonte: Aryane Tada F. Santos CRB/1-2640.



Bem-vindo(a) ao Profuncionário,

O Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec), fortalece e amplia o Profuncionário neste ano de 2025.

O objetivo é ofertar educação de qualidade para valorizar os/as trabalhadores/as da educação, buscando redimir a dívida histórica do Estado brasileiro para este segmento da educação básica pública.

Oficialmente, instituído pelo Ministério da Educação (MEC), por meio da Portaria nº 25, de 31 de maio de 2007, o programa foi ampliado como parte da Política Nacional de Formação dos Profissionais da Educação Básica, regulamentada pelo Decreto nº 7.415, de 30 de dezembro de 2010, e reafirmada pelo Decreto nº 8.572 de 9 de maio de 2016. Contudo, em 2017, o programa foi descontinuado.

O programa foi retomado somente em 2023, com a instituição do Grupo de Trabalho (GT), responsável por avaliar a retomada e as melhorias do Programa de Formação Inicial em Serviço dos Profissionais da Educação Básica dos Sistemas de Ensino Público, por meio da Portaria nº 1.574, de 9 de agosto de 2023.

A continuidade da ação contou com a publicação da Portaria MEC nº 395, de 29 de maio de 2025, que institui o Programa de Formação Inicial em Serviço de Profissionais da Educação Básica - Profuncionário.

Os objetivos são: promover a profissionalização específica a partir de cada área de atuação individual e coletiva no contexto pedagógico da unidade escolar; fortalecer a identidade profissional dos funcionários da escola pública da educação básica; possibilitar o acesso à Educação Profissional e Tecnológica; contribuir para a redução de desigualdades sociais e econômicas; estimular a elevação da escolaridade; e proporcionar a valorização dos profissionais da educação.

Desejamos que esta jornada, embora desafiadora, seja proveitosa e transformadora!

Um excelente curso!

São os votos do Ministério da Educação





REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Presidente da República

CAMILO SOBREIRA DE SANTANA
Ministro de Estado da Educação

MARCELO BREGAGNOLI
Secretário da Educação Profissional e Tecnológica

Diretoria de Articulação e Fortalecimento da Educação Profissional e Tecnológica

Diretoria de Políticas e Regulação da Educação Profissional e Tecnológica



**INSTITUTO
FEDERAL**
Brasília

FICHA TÉCNICA

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

Veruska Ribeiro Machado

Pró-reitoria de Ensino

Rosa Amélia Pereira da Silva

Diretoria de Educação a Distância

Jennifer de Carvalho Medeiros

Coordenação Geral do Projeto

Blenda Cavalcante de Oliveira

Coordenação Pedagógica

Juana de Carvalho Ramos Silva

Marina Morena Gomes de Araújo

Coordenação de Produção de Material Didático

Adriano Vinicio da Silva do Carmo

Orientação de Ensino Aprendizagem

Anna Vanessa Lima de Oliveira

Carolina Gonçalves Gonzalez

Vânia do Carmo Nóbile

Design Educacional

Anna Oliveira Barboza

Danilo Gonçalves da Fonseca

Juana de Carvalho Ramos Silva

Juliana Parente Matias

Leandro Alves Faria

Luciano de Andrade Gomes

Ricardo Pereira Araujo

Produção Multimídia

Erika Ventura Gross

Marcos Pereira dos Santos

Revisão de Texto

Anna Oliveira Barboza

Laion Roberto Agostini Stanczyk

Apoio Administrativo

Noeme César Gonçalves

Estudantes bolsistas de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa

Gisele Silva de Siqueira

Iara Pinheiro da Silva

Mércia Dalyanne Lopes de Araújo

Pedro Henrique Assunção Alvarinho

Pérola Reginaldo das Virgens

Rita de Cássia Frazão

Estudantes bolsistas de Licenciatura em Pedagogia

Esther Lucena de Souza

Eudicleia de Oliveira Silva

Keila Alves Neri

Mensagem do autor

Prezado educador, prezada educadora,

Passados quase 500 anos de história das escolas no Brasil e quase duas décadas de oferta dos cursos do Profucionário, ainda se sabe muito pouco sobre o que funcionários e funcionárias pensam sobre as relações entre o seu trabalho e a educação escolar.

Neste Caderno, proponho-me a escrever o que eu, professor do ensino superior, penso sobre a escola e sobre o que você faz na escola, com o objetivo de provocá-lo/a, por meio de afirmações e questionamentos, a investigar, a refletir, a escrever e a falar sobre as relações entre o seu trabalho e a educação escolar.

Eu sou assim mesmo: gosto de perguntar, de problematizar, de provocar a pensar e a falar com base no que as pessoas experimentam no mundo. Tenho cá minhas experiências, você tem aí as suas. Contamos entre nós o que experimentamos e aprendemos juntos, conversando, dialogando.

A minha suposição é de que, querendo ou não, quando nos dispomos a escutar e a ler o que uma pessoa diferente diz e escreve, bem como quando observamos outra pessoa fazendo alguma coisa, somos levados/as a pensar e a nos transformar.

Confesso a você, desde agora, que muito do que eu pensava sobre o trabalho e a educação que você faz na escola, desde 2005, quando a primeira versão deste Caderno foi publicada, já se tornou diferente para mim.

Nesses quase 20 anos, pude conversar com funcionários e funcionárias em situação de pesquisa; li pesquisas que outros/as profissionais desenvolveram; enfim, aprendi muitas coisas. Contudo, não tenho uma resposta clara para a principal pergunta que me faço: que educação funcionários e funcionárias fazem na escola?

Se essa resposta não está clara nem para mim, nem para os educadores e educadoras com quem pesquiso, isso é um sinal de que precisamos continuar a investigando esse tema juntos.

Por outro lado, nesse período, como eu disse, aprendi muitas coisas sobre o seu trabalho na escola, e, assim como aprendi, desejo que você também aprenda com a investigação teórico-prática que lhe proponho aqui.



E, olhe, fique bem à vontade na leitura. Concentre-se nela para compreender os problemas que coloco o porquê de colocá-los. Sim, pois se não compreendemos o problema, como procuraremos respostas e soluções?

Concentre-se na leitura para colocar seus próprios problemas ao comparar o que escrevo com o que você vê, percebe, faz e sente na escola.

Desejo que sua concentração no que lê e no que vive na escola traga-lhe dúvidas e questionamentos suficientes para que possa se desconcentrar da leitura, refletir, escrever, falar e construir os saberes necessários para que você e a escola evoluam, proporcionando uma educação que permita às alunas e aos alunos se desenvolverem como seres humanos.

Dante Diniz Bessa



Apresentação do Caderno

A proposta deste Caderno é que você desenvolva, às vezes só, às vezes junto com colegas educadores, uma investigação filosófico-antropológica sobre o que faz na escola, com o objetivo de construir sentido educativo para o seu trabalho, tendo em vista contribuir para a (re)construção da sua identidade profissional como técnico/a, educador/a, gestor/a de espaços escolares, como cidadão/ã.

Para tanto, você precisará entender que a (re)construção da identidade profissional está relacionada com a compreensão e com a transformação do humano que você é.

A investigação a ser feita é uma investigação teórico-prática, como você viu no Caderno de Orientações Gerais, em que deverá aprender alguns conceitos básicos de filosofia, antropologia e ciências sociais para realizar ações de pesquisa (observação, entrevistas, leituras, descrição, reflexão, interpretação) sobre as práticas escolares e sobre o seu trabalho na escola.

Sim, pois as práticas escolares oferecem contribuições específicas à formação humana de cada pessoa, diferente das contribuições da igreja, da família, da associação comunitária etc. Contribuições diferentes, porém complementares e, muitas vezes, críticas, como é próprio da pluralidade social e da diversidade cultural.

Em sentido inverso, as ações de pesquisa devem ajudar você a ter uma postura crítica tanto em relação ao que é feito na escola como em relação ao que você aprende neste Caderno.

Por postura crítica, entenda aquela pela qual suspeitamos, desconfiamos, estranhemos, e questionamos tanto as práticas como os conceitos que as explicam e dão sentido a elas. Os principais conceitos que você deve aprender aqui são: devir humano, cultura, linguagem, trabalho, valores morais, valores estéticos e valores políticos.

Cada um desses conceitos será problematizado nas unidades de estudos, e todos deverão ser relacionados com os conceitos de educação, escola e cidadania, de modo que você possa ter um caminho investigativo mais ou menos bem definido ao longo do Caderno.

Sendo assim, a investigação a ser realizada ao longo do Caderno deverá trazer elementos para que possamos buscar respostas àquela pergunta que coloquei antes: como profissionais da educação, no trabalho escolar, que educação funcionárias e funcionários



oferecem a alunas e alunos? Essa pergunta, por si só, não dá conta de compreendermos completamente o problema a ser investigado. Por isso, precisamos juntar a ela outras perguntas, como, por exemplo: que contribuições a escola oferece ao processo pelo qual mulheres e homens se tornam humanos? Que contribuições o seu trabalho oferece à escola e ao processo de formação humana de mulheres e homens?

Desejo, fortemente, que, ao concluir os estudos deste Caderno, você possa ter compreendido o problema e já tenha iniciado a busca por respostas, de modo a aproveitar os conteúdos e as atividades de todo o curso nesse sentido.

Objetivo

Criar condições teórico-práticas com as quais problematizar, investigar e refletir filosoficamente sobre as práticas escolares e a formação humana, com vistas à (re)construção da identidade profissional de funcionários/as como educadores/as.

Ementa

Filosofia e antropologia como saberes teórico-práticos. Natureza e cultura na formação humana. Linguagem, conhecimento e comunicação. Trabalho, tecnologia e educação. Ética, política e estética. Educação, escola e cidadania.

Anotações

Conceito

Da minha parte, podemos entender conceito como o sentido que atribuímos ao que existe, ocorre e ao que pensamos, dizemos e fazemos.

Construímos os conceitos no pensamento e na linguagem, e com eles podemos identificar, diferenciar e classificar objetos, seres, acontecimentos e ações.

Ao relacionar conceitos, podemos formar juízos sobre a realidade. Podemos dizer o que pensamos com sentido.

Por exemplo, "profissional da educação" é um conceito. Se perguntarmos o que queremos dizer com a expressão "profissional da educação", precisaremos construir um sentido que identifique quais trabalhadores são profissionais da educação e que diferencie esses trabalhadores entre si e dos demais trabalhadores que não pertencem a essa categoria.

O campo que se dedica a criar, analisar, criticar e refletir sobre conceitos é a filosofia.

Conheça seu Caderno

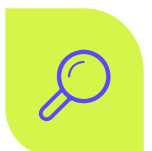
Prezado/a estudante, seja bem-vindo/a!

É importante que antes de iniciar sua leitura, você conheça bem o seu Caderno e os elementos que os compõem. Os ícones apresentados são elementos gráficos que enriquecem a comunicação visual, facilitando a organização e a leitura em contextos hipertextuais. Veja como funciona cada um:



Atenção

Atenção: indica pontos de maior relevância no texto.



Saiba Mais

Saiba Mais: remete o tema para outras fontes: livro, revista, jornal, artigos, noticiário, internet, música etc.



Vocabulário

Vocabulário: indica a definição de um termo, palavra ou expressão utilizada no texto.



Pratique

Pratique: apresenta sugestões de atividades para reforçar a compreensão do texto da disciplina e envolver o estudante em sua prática, bem como atividades para compor a carga horária de Prática Profissional Supervisionada (PPS), em planejamento conjunto entre estudante e tutor.



Refleta

Refleta: apresenta um momento de pausa na leitura para refletir/escrever/conversar sobre pontos importantes e/ou questionamentos.



Sumário

Unidade 1 - Devir humano.....	16
1.1 Devir humano e natureza.....	17
1.2 Devir humano e cultura.....	21
1.3 Devir humano, cultura e culturas.....	24
1.4 Devir humano, cultura e educação.....	31
1.5 Devir humano, escola, cultura e cidadania.....	34
Unidade 2 - Devir humano, linguagem e educação.....	40
2.1 Linguagem: conceito e componentes.....	43
2.2 Linguagem e língua.....	49
2.3 Linguagem e comunicação.....	53
2.4 Comunicação, diálogo e educação.....	55
2.5 Escola, comunicação e cidadania.....	57
Unidade 3 - Devir humano, trabalho e educação.....	64
3.1 Trabalho: conceito.....	65
3.2 Trabalho, técnica e tecnologia.....	70
3.3 Trabalho manual e trabalho intelectual.....	73
3.4 Trabalho, alienação e educação.....	75
3.5 Escola, trabalho e cidadania.....	77
Unidade 4 - Devir humano, valores e educação.....	82
4.1 Valor: conceito.....	83
4.2 Valoração estética.....	86
4.3 Valoração ética.....	89
4.4 Valoração política.....	91
4.5 Escola, valores e cidadania.....	95
Unidade 5 - Devir humano, escola e educação.....	100
5.1 O que ensinamos e aprendemos na escola?.....	103
5.2 Onde ensinamos e aprendemos na escola?.....	104
5.3 Como ensinamos e aprendemos na escola?.....	105
5.4 Quem ensina e quem aprende na escola?.....	107
Palavras finais.....	111
Referências.....	112
Currículo do autor.....	114



A man with dreadlocks, wearing a light blue button-down shirt, is looking towards the left. The image has a blue tint. In the foreground, the back of a person's head is visible, and to the right, the side of another person's head is partially seen.

1

Devir humano



Devir humano

Vamos começar nossa investigação!

Partamos do conceito de devir humano. O que queremos dizer com as palavras devir humano?

Bem, para começar, nos referimos à condição sociocultural do humano, ou seja, à condição de que seres humanos são o que são porque aprendem a ser assim com a linguagem, com o trabalho e com os valores, que estão na base das relações sociais e da cultura. Isso quer dizer que o que somos está diretamente relacionado com a educação que recebemos e com o que fazemos de nós com essa educação.

Assim, comece por se perguntar: o que faz com que eu me chame e me sinta humano? Veja que essa pergunta não parece ser problemática para muita gente. Não é qualquer um que pensa sobre isso, pois muitas pessoas já conhecem respostas óbvias sem sequer ter colocado a pergunta:

- sou humano porque nasci de humanos, sou sangue de meus pais;
- sou humano porque Deus me criou assim;
- sou humano porque o destino me fez humano;
- sou humano porque a natureza me fez humano.

Apesar das diferenças, essas respostas querem dizer que você é humano porque uma força externa determinou, à sua revelia, o que você é: o sangue dos pais, Deus, a natureza, o destino.

Mas a proposta de estudo é justamente tornar o óbvio estranho, não é? Problematicar, assumir atitude crítica diante do óbvio. Um jeito de fazer isso é pensar por que, para outras pessoas, essas respostas não são óbvias.

As outras pessoas a que me refiro são filósofos/as, antropólogos/as e cientistas sociais que, em geral, acreditam que não nascemos humanos, mas nos fazemos humanos na vida. Humano, portanto, é um conceito que criamos, cujo sentido está relacionado ao nosso modo de viver.

Vejamos, então, o que podemos aprender com essas pessoas sobre como nos fazemos humanos?

É importante você ficar atento/a sobre o seguinte, entretanto: nosso diálogo ao longo do Caderno privilegiará o que a cultura de origem europeia nos ensina. À medida do possível, introduziremos concepções de outras culturas na nossa investigação, como as culturas ameríndias e africanas.

1.1 Devir humano e natureza

Um primeiro conceito para ajudar na nossa investigação sobre as condições em que alguém se faz, se chama e se sente humano é o que está no título da unidade: devir humano.

Se você não faz ideia do que quer dizer devir humano, então antes de continuar a leitura, veja se há algo que é estranho na expressão. Por exemplo: por que está escrito "devir humano" e não "ser humano"? Será "devir humano" sinônimo de "ser humano"? Faz diferença falar e pensar "devir humano" em vez de "ser humano"? Afinal, o que queremos dizer com "devir humano"?

Se você, ao ler o título desta unidade, colocou essas ou outras perguntas, é porque já está desenvolvendo a atitude crítica e investigativa proposta.

Agora, leia com atenção o texto a seguir, publicado por José Rodrigues de Oliveira.

O DEVENIR

- Meu pai, devenir é fruta ou verdura?
- Por que perguntas, filho?
- Meu pai, quero, se possível, que veja minhas razões. O senhor já me ensinou que, quando se recebe uma pergunta,



Saiba Mais

Sócrates foi casado com Xantipa e viveu em Atenas, na Grécia Antiga, no século V a.C. É considerado por muitos como o pai da filosofia ocidental.

Heráclito e **Parmênides** também são filósofos que viveram na Grécia Antiga entre os séculos VI e V a.C.

Conhecido como o pai da teoria da relatividade, **Albert Einstein** foi um físico que viveu no século XX.

só se deve entrar com outra depois de ter respondido. E eu, seu filho, firmado na sua ortodoxia, quero para mim as vantagens da sua observação.

– Bem, vejo que você tem razão. Desejo, no entanto, dizer-lhe que se você me houvesse feito, ontem, essa inquirição, confesso que não estaria em condições de respondê-la. Porém hoje, depois de certo progresso que fiz, posso afirmar que DEVENIR não é fruta nem verdura. É, sim, uma concepção filosófica.

– Agora sim, “concepção filosófica!” Mas...

– Nem mais nem menos, agora a vez é minha, **Sócrates**.

– O senhor sabe que não gosto de ser chamado de Sócrates, pois acho aquele velho muito feio e sua mulher que me desculpe, mas acho o nome dela horroroso! Xantipa! Só sendo grega.

– Está certo, mas, por que você me perguntou se devenir é fruta ou verdura?

– Perguntei porque a mamãe falou que alguém comeu a folha do devenir.

O velho se arrumou na cadeira de balanço, tirou os óculos e, depois duma mordaz e gostosa gargalhada, falou: Paulinho, você é um anjo. Você, sua mãe e seus irmãos azucrinam meus ouvidos, mas também fazem cócegas no meu coração. Presta atenção, filhote, devenir é o mesmo que devir; é uma série de transformações. A transformação ou mudança de estado considerado em si mesmo. O devenir é a nossa característica fundamental e a tudo quanto no mundo nos rodeia. A Filosofia tem se empenhado em compreender o devenir, cuja questão decisiva é a relação deste com o ser. **Heráclito** e **Parmênides**, quatro séculos antes de Cristo, já se ocupavam com o assunto, que veio receber mais luz agora no século XX com o nosso querido **Einstein**. Já expliquei muito, pelo seu aspecto, vejo que você entendeu pouco, não foi?

– Para ser sincero, papai, não entendi nada e, se eu quisesse ser chato, iria fazer mais perguntas.

– Pode perguntar, entretanto, **Piaget** aconselha que devemos aprender as coisas aos poucos, as doses do saber devem ser homeopáticas. E é você ainda criança. Segundo o mesmo educador, existe a idade para a abstração. Contudo, faça a pergunta, sua curiosidade muito me agrada.

– Devenir é o mesmo que futuro?

– Não. Entretanto, podemos relacioná-lo não só com o futuro como também com progresso e o regresso à vida e à morte.

– Com a vida e com a morte!?

– Sim, com a vida e com a morte. Até conosco, com você, meu filho, veja só: você vai completar 13 anos no próximo mês, já notou sua voz como está ficando diferente? Os pêlos do seu bigode estão engrossando. (Ao ouvir isso o rapazinho não se conteve e escandalosamente sorriu).

– Você, devenirmente, caminha para puberdade, depois tornar-se-á adulto, daqui a cem anos, quando você morrer, irá modificar o ph da terra onde colocarem seu corpo. Antes disso, você vai mudar de tal forma que quem lhe ver hoje, e só possa ver daqui a alguns anos, talvez não lhe reconheça. Salvo melhor juízo, isso é devenir. Gostou?

– O devenir se limita de acordo com a ideia que se tem do progresso, sendo a ideia um progresso, é preciso que o devenir seja compreendido, sendo compreendido, encontrar-se-á nele um movimento que é o que existe de mais concreto. Heráclito, o filósofo do vir-a-ser, do devenir, disse que o vir-a-ser está em tudo, porque nada é. Para nós, modernamente, tudo já era. Eu e você não somos mais aqueles de quando iniciamos essa conversa, eu, afora o sutil da natureza, já bebi um copo d'água, emití essas palavras e dei aquelas risadas. Você, além de outras coisas que aconteceu, já pode ouvir falar em devenir sem aquela estranheza do início desse bate-papo. Verdade?

– Ah!...Então quer dizer que aquela caneta que lhe dei há pouco, não é essa que está aí, porque a que lhe dei sofreu o calor das suas mãos, a tampinha estava do lado oposto, já escreveu e, conseqüentemente, está com menos tinta.

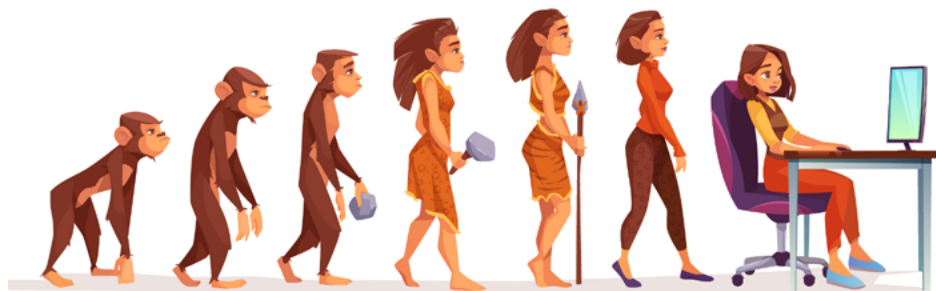


Saiba Mais

Biólogo suíço, **Jean Piaget** viveu no século XX. Suas pesquisas contribuíram muito para o conhecimento do desenvolvimento cognitivo de uma perspectiva interacionista.

- Muito bem! Demorou, mas chegou. Observo com muita satisfação que já ampliou a dialética. Quero, aproveitando a ocasião, que você saiba que o movimento dialético é o que mais existe de concreto no progresso.
- Obrigado, meu pai. Amanhã vou pedir a minha mãe para comprar um dicionário novo para o senhor, pois o seu está bastante “devenirizado”.
- Também já sei quem comeu a folha do devenir.

E então, o que achou dessa bela maneira de dizer o sentido do devir humano? Notou que o autor se refere a como a natureza está no humano? Você consegue perceber o que significa dizer que o devir (devenir) é a natureza no humano? Quer dizer, o que há de natural no humano é a transformação, a mudança, o tornar-se diferente do que já foi e do que é.



A transformação do ser humano. Fonte: Freepik

Com a expressão “devir humano”, podemos dizer que cada um de nós, homens e mulheres, muda ao longo da vida, e que a espécie humana muda ao longo da história. Sendo assim, não é difícil pensar que o conceito, o sentido do humano, também muda. O pensamento muda. Portanto, a humanidade, aquilo com que os humanos se identificam entre si e se diferenciam dos demais seres existentes, muda conforme criamos novas condições de existência e mudamos nosso modo de viver. A vida de trabalhadores/as que têm formação profissional não é a mesma dos que não têm. A humanidade de trabalhadores/as que têm formação profissional não é a mesma dos que não têm.

Pois é, o devir humano é a natureza que se faz na humanidade e em cada um de nós. A natureza possibilita que a espécie humana a transforme em outra natureza, a história, num movimento permanente.

Acrescentemos à nossa investigação outros elementos que podem ajudar a compreender melhor o que quer dizer devir humano.

1.2 Devir humano e cultura

Já sabemos que o devir humano é, em parte, uma condição natural de mulheres e homens. Por isso, dissemos anteriormente que a natureza está no humano, ao mesmo tempo em que o humano está na natureza e na sua própria natureza.

Ficou confuso/a?

Vou dizer de outro jeito: mulheres e homens possuem uma natureza que lhes permite mudar a sua própria natureza..

Devir humano significa, portanto, a transformação da natureza humana por homens e mulheres que transformam as suas condições naturais de vida.

Isso quer dizer que a natureza faz mulheres e homens de tal maneira que eles mesmos se fazem humanos.

Bem, agora gostaria de chamar sua atenção para investigar sobre "por que" e "como" natureza e humano se transformam mutuamente.

Acontece que o devir humano não se dá apenas na e pela natureza, mas, principalmente, na e pela cultura. Essa é uma visão predominante entre filósofos/as, antropólogos/as e cientistas sociais.

Você pode até pensar que o humano tem uma natureza cultural. O humano se transforma no mundo que ele mesmo constrói: um mundo sócio-histórico-cultural - o mundo humano.



Refleta

Se for assim, como é que acontece esse devir? É só ficar parado e esperar que ele aconteça?

Será que você pode participar e influenciar esse devir de algum modo?

Se puder, quais seriam as condições?



Refleta

Se nossos ancestrais não tivessem inventado as roupas, como viveríamos hoje?

Seríamos os mesmos humanos que somos?

Assim, parece evidente que, para investigar o devir humano, é preciso estudar a cultura. Sim, porque a cultura é condição para alguém se fazer, se chamar e se sentir humano.

Então faça as seguintes perguntas para seguir com a investigação: qual o conceito de cultura? O que queremos dizer com a palavra cultura?



Homens e mulheres em diferentes culturas. Fonte: Freepik

Em primeiro lugar, cultura pode ser entendida, em um sentido bem amplo, como o conjunto de práticas pelas quais homens e mulheres agem sobre e transformam o que está na natureza, tornando-se corresponsáveis pelo mundo em que vivem e pela humanidade que constroem.

Em segundo lugar, cultura quer dizer o modo de viver dos humanos em grupos sociais e, ao mesmo tempo, o modo de viver em grupos sociais específicos.

No primeiro caso, você pode pensar em cultura no singular, como aquilo que diferencia homens e mulheres de outros animais, por exemplo.

Já no segundo caso, você pode pensar em culturas, no plural, como o que diferencia homens e mulheres que vivem em grupos sociais diferentes.

Você não pode deixar de notar, entretanto, que esses conceitos, identificações e diferenciações, são criados por homens e mulheres que aprenderam a ser humanos numa dada cultura. Aprenderam a pensar do modo como o grupo a que pertencem costuma pensar. Quando um homem ou uma mulher transita entre diferentes grupos sociais, acaba construindo mais de uma identidade pessoal, relativa a cada grupo.

Por fim, em terceiro lugar, cultura refere-se ao conjunto de conhecimentos, valores, crenças, ideias e práticas de um grupo social, de um povo ou de uma época.

Com esses três sentidos, você pode perceber que cada um de nós, homens e mulheres, nos fazemos humanos quando produzimos e adquirimos cultura; quando aprendemos e construímos nosso modo de viver socialmente.

Sendo assim, o devir humano é, ao mesmo tempo, natural e cultural.

Tem a ver, por um lado, com transformações biológicas do nosso corpo e da nossa mente, como, por exemplo, as funções psíquicas (pensar e significar, que se desenvolvem na espécie humana e em cada homem e mulher individualmente) que nos tornam capazes de criar, conservar e transformar nosso modo de viver.

E tem a ver, por outro lado, com as transformações no próprio modo de viver, que contribuem com a transformação das condições biológicas (naturais) de existência. Isso se dá quando, por exemplo, inventamos máquinas para trabalhar e pensar por nós.

O modo de viver humano é um modo de viver sociocultural e envolve três elementos muito importantes que ajudam a padronizar o comportamento de cada homem e mulher em um grupo social, em uma cultura: **a linguagem, o trabalho e os valores**. Com esses elementos, homens e mulheres produzem e transformam coisas e ideias, decidem o que é e o que não é importante e organizam as relações entre eles, criando regras para a vida social.

Portanto, ao mesmo tempo em que homens e mulheres produzem cultura, tornam-se humanos como construtores e pertencentes a uma cultura.

A condição de viver, pensar e organizar a vida social, como você pode perceber, é o que movimenta o processo de autocriação humana, de produção da humanidade, de construção do mundo humano.



Saiba Mais

Descubra como a escritora e filósofa Marilena Chaui explica o que seria cultura.



Atenção

Nas **Unidades 2, 3 e 4** estudaremos cada um desses elementos fundamentais na construção da cultura e do devir humano: **linguagem, trabalho e valores**.



Refleta

Como, então, você responderia à seguinte pergunta: você é humano porque pensa ou pensa porque é humano?

E quanto a esta outra pergunta: a resposta que você deu à pergunta anterior se baseia no que você já sabe, no que não sabe ou no que os outros sabem sobre você?

Não deixe de anotar as respostas, dúvidas e questionamentos que surgirem, para retomá-los em outras reflexões!



Atenção

Com a palavra "**cultura**", no singular, queremos dizer aquilo que diferencia humanos de tudo o mais que existe na natureza.

Com a palavra "**culturas**", no plural, queremos dizer o que diferencia grupos humanos entre si.

1.3 Devir humano, cultura e culturas

Você se lembra que antes eu havia escrito que, com o conceito de cultura, homens e mulheres se identificam e se diferenciam de outros seres da natureza e que os grupos humanos se diferenciam entre si? Nesse sentido, afirmei que você pode falar em **cultura**, no singular, e em **culturas**, no plural, não é? Além disso, pode falar de humano, no singular, e de humanos, no plural.

Você diria que homens e mulheres de grupos sociais diferentes são humanos diferentes?

Eu diria que sim. De maneira geral, se grupos sociais diferentes (família, comunidade, categorias profissionais, povos, etnias etc.) se organizam de maneiras diferentes, então podem tornar as pessoas desses grupos diferentes entre si, porque cuidam, cultivam costumes, hábitos, práticas, valores, crenças próprias, por sua vez, diferentes de outros grupos.

Você concorda com o que eu disse agora? Se os comportamentos e práticas sociais, plurais, isto é, se existem modos diferentes de organizar e de viver a vida social, podemos dizer que existem diferentes culturas ou que existe apenas uma cultura, na qual homens e mulheres não se diferenciam? Se existem diferentes culturas, como se relacionam?



Pratique

Faça um exercício para refletir sobre esse tema: escreva uma carta, um e-mail ou uma mensagem a alguém com quem você possa conversar, contando que está participando de uma atividade formativa que lhe apresentou este problema e compartilhando a sua opinião. Não é uma opinião qualquer, mas uma opinião que você está construindo com base no que está investigando e aprendendo neste Caderno. Conte à pessoa o que você tem pensado a partir do que está estudando e pergunte qual é a opinião dela.

Com esta atividade, você deve construir um conceito próprio de cultura e relacioná-lo ao conceito de devir humano.

Não é fácil se posicionar sobre o problema anterior, não é? Então, para que você o entenda melhor, introduzirei mais dois conceitos na sua investigação: etnocentrismo e diversidade cultural.

Se você pensar que a cultura funciona como uma lente para ver e pensar, e que só consegue enxergar o mundo e dar sentido a ele pela lente que tem, a tendência é de que você supervalorize sua forma de ver e pensar o mundo. Ao fazer isso, você pode desvalorizar e até negar outras possibilidades, fixando sua visão como central e considerando-a o melhor, a correta, a verdadeira e a única possível.

Para entender melhor, considere a seguinte **metáfora**: se alguém está acostumado a olhar a rua pelo buraco da fechadura, a rua ganha um formato e uma extensão específica: a da fechadura. Se a pessoa puder olhar da janela, então a rua ganhará outro formato e extensão. E se puder ainda sair de casa e andar, verá que o seu formato e a sua extensão se ampliam. Então, se a pessoa ficar olhando pelo buraco da fechadura, jamais poderá saber que a rua pode ser diferente e achará muito estranho que outra pessoa que esteja na rua fale dela de outra maneira. Dirá que é um louco, um ignorante, uma pessoa inculta, só porque enxerga a rua de forma diferente.



Atenção

Metáfora é uma figura de linguagem em que o sentido é expresso de forma figurada.

Entenda melhor curtindo o poema "Especulações em torno da palavra homem", de Carlos Drummond de Andrade:

[Clique aqui para acessar.](#)



Diferentes maneiras de enxergar a rua. Fonte: Freepik

A essa fixação de uma cultura no centro de todas as culturas, você pode chamar de etnocentrismo.

O etnocentrismo é responsável por muitos dos conflitos sociais (entre etnias, gêneros, religiões, gerações etc.). Uma postura etnocêntrica também é responsável por preconceitos contra minorias, contra outras culturas e contra a diferença, promovendo preconceito em relação aos outros que são diferentes de nós.



Pratique

Você já pensou sobre isso? Sobre sua postura em relação àqueles que vivem diferente de você? Como se relaciona com os adolescentes e as crianças da escola em que trabalha? Você já teve curiosidade para entender o que gostam? Procure fazer isso observando suas ações, suas roupas, suas brincadeiras: olhe, converse, escute, reflita, anote. Procure compreender as diferenças que você percebe entre o modo de viver dos outros e o seu.

Esta atividade deve ajudá-lo/a a perceber que o modo como você pensa e vive não são únicos e que você pode aprender com os outros. Por outro lado, a atividade é um exercício de observação e de descrição, para que você experimente construir uma ideia sobre a realidade metodicamente, isto é, considerando-a a partir dela, mas não a partir do seu pensamento prévio. O resultado da atividade deve ser um relatório da conversa e das observações com alunos da escola, seguido de uma reflexão comparativa entre o que os alunos pensam sobre a escola e o que você mesmo/a pensa. O relatório pode ser feito diretamente no Memorial ou deve ser anexado a ele.



Refleta

Sobre etnocentrismo e diversidade cultural, há uma polêmica entre teóricos no Brasil: afinal, a identidade nacional do povo brasileiro é uma mistura das culturas dos indígenas, dos negros e dos europeus, ou não há uma identidade única, mas diversas identidades?

Observando a sua comunidade social, sua comunidade religiosa, sua escola, sua cidade, as novelas, os filmes e a literatura nacional, além de outros contextos, o que você diria sobre essa polêmica? Veja o vídeo abaixo para refletir sobre essa questão.



[Clique aqui para acessar.](#)

As roupas, os adornos, as tatuagens, o jeito de falar, as brincadeiras e muitas outras coisas que você faz e usa, ou fazia e usava, são diferentes do que as crianças e os adolescentes que frequentam a escola fazem e usam.

Se você acredita que seu modo de vestir, adornar, pensar e viver é o certo, vai achar que precisa ensinar os outros a se comportarem como você. Na escola, onde geralmente trabalhamos para ensinar um comportamento padrão, as diferenças de comportamento ficam bem marcadas e nem sempre são bem-vindas.

Muitas vezes, na escola, os mais jovens são obrigados a pensar e a fazer o que é certo para os adultos, mas que não é, necessariamente, o certo para eles mesmos. Você tem aí um exemplo cotidiano do etnocentrismo. O mesmo ocorre com as nossas crenças religiosas: tendemos a achar que a nossa religião é melhor, verdadeira e única; desrespeitamos outras religiões sem nos darmos conta de que todas elas foram criadas por homens e mulheres diferentes de nós.

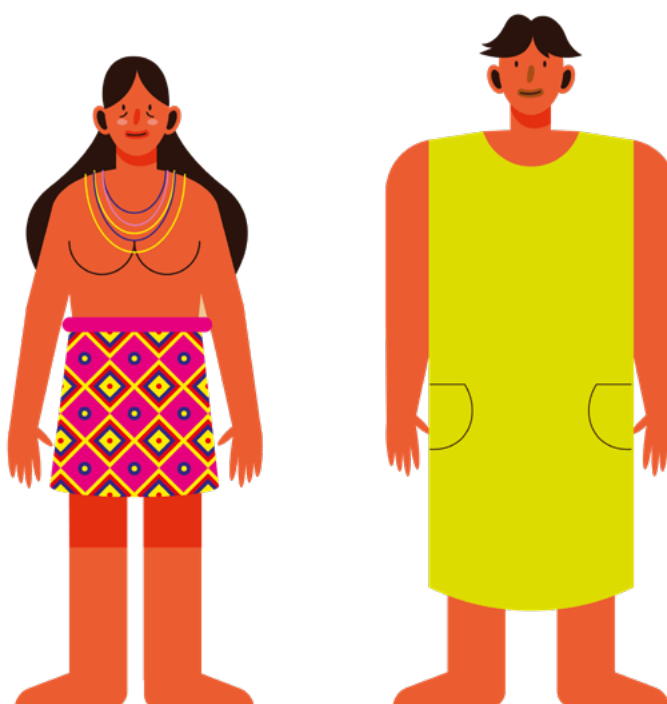
Bem, se o etnocentrismo é a supervalorização de uma cultura e a ilusão de que ela é a única correta, então é porque existe mais de uma cultura, não é mesmo?

Não só existe mais de uma, como as culturas são diferentes: às vezes parecidas, às vezes antagônicas (contrárias). São diversas. Assim, entendemos o conceito de diversidade cultural, que diz respeito às diversas culturas de grupos sociais específicos que se diferenciam no devir humano. Veja mais um exemplo para que possa entender bem o conceito de diversidade cultural.



Atenção

Na **Unidade 2**, você entenderá melhor os conceitos de código, sistema de signos e linguagem.



Diversidade cultural. Fonte: Freepik

Alguma vez você já foi a uma floresta? Como se sentiu? Eu já fui e me senti perdido. Até fiquei um pouco assustado. Sinceramente, fiquei com medo de adentrar muito para não correr o risco de me perder. Afinal, não conhecia nada ali. Ao contrário, nas cidades, em qualquer cidade, não me preocupo se posso me perder, pois posso me achar seguindo as sinalizações de trânsito. E alguém que tenha vivido a maior parte da sua vida numa floresta, será que sente a mesma coisa que sinto? A floresta tem um sentido para um indígena, por exemplo, que tenha aprendido a viver ali. As árvores, os cipós, os cheiros, os rastros constituem um código, um sistema de signos, uma linguagem que ele compreende do seu jeito. Essa é a cultura dele. Ele aprendeu e construiu esses significados. Talvez, ao contrário, na cidade, os sinais de trânsito, as ruas, os veículos, essa linguagem que eu compreendo, lhe causem outro sentimento. Enfim, diante de uma mesma situação, o indígena e eu percebemos coisas diferentes e nos comportamos de modos diferentes. Eis a diversidade das culturas e a diferença entre nós dois.

A diversidade cultural, bem entendida, não se reduz a sentimentos e a comportamentos individuais. Ela está relacionada a uma visão da realidade, visão do mundo que orienta o viver, o pensar, o agir dos indivíduos e as práticas culturais de diferentes grupos humanos. Essa visão do mundo podemos chamar de cosmologia.

Na nossa investigação, isso pode ajudar a pensar que culturas diferentes têm lógicas diferentes, isto é, grupos sociais diferentes organizam o seu mundo de maneiras diferentes, ao contrário da visão etnocêntrica, com a qual acabamos pensando que outra cultura, por ser diferente, não tem lógica, não tem ordem; é irracional e absurda; não presta!

Que importância pode ter para você, que está em processo de reconstrução da identidade como profissional da educação, saber que existem diversas culturas? Ora, você já deve ter percebido que diferentes culturas se encontram, convivem umas com as outras, se relacionam, entram em conflito, se diferenciam. Conforme isso acontece, é preciso saber lidar com a diversidade sem querer necessariamente fazer com que a "sua cultura" ou uma suposta "cultura universal" prevaleça sobre as outras.

Essa é uma questão bem importante, você não acha? Que cultura é essa na qual podemos perceber as diferenças entre culturas particulares? E por que as diferentes culturas se encontram nela?



Saiba Mais

Se você se interessar em conhecer melhor a **cosmologia dos indígenas sul americanos**, confira esses textos e vídeos. Preste atenção em como os seres naturais, como pedras, rios, montanhas, vegetais e animais são vistos nessa cosmologia.

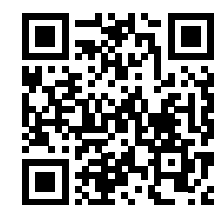
Livro: Ideias para adiar o fim do mundo, de Ailton Krenak.

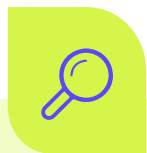
[Clique aqui para acessar.](#)



Documentário: Ailton Krenak - O sonho da Pedra (Parte 1).

[Clique aqui para acessar.](#)

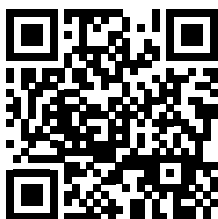




Saiba Mais

Carlos Rodrigues Brandão também nos ajuda a entender as diferenças entre a vida e a educação no campo e na cidade.

[Assista ao vídeo e confira:](#)



Escola como espaço de diversidade. Fonte: Freepik

A escola é um espaço de diversidade, pois reúne crianças e adultos; indígenas, negros e brancos; alunos, professores e funcionários. Ela tem o dever de valorizar e respeitar a(s) cultura(s) com e pela(s) qual(is) diferentes homens e mulheres, e diferentes grupos sociais, se fazem, se chamam e se sentem humanos.

Aprendamos um pouco mais sobre a diversidade na escola com o antropólogo e educador Carlos Rodrigues Brandão.

Há muitos anos nos Estados Unidos, Virgínia e Maryland assinaram um tratado de paz com os índios das Seis Nações. Ora, como as promessas e os símbolos da educação sempre foram muito adequados a momentos solenes como aquele, logo depois os seus governantes mandaram cartas aos índios para que enviassem alguns de seus jovens às escolas dos brancos. Os chefes responderam agradecendo e recusando.

A carta acabou conhecida porque alguns anos mais tarde Benjamin Franklin adotou o costume de divulgá-la aqui e ali. Eis o trecho que nos interessa:

"...Nós estamos convencidos, portanto, que os senhores desejam o bem para nós e agradecemos de todo o coração.

Mas aqueles que são sábios reconhecem que diferentes nações têm concepções diferentes das coisas e, sendo

assim, os senhores não ficarão ofendidos ao saber que a vossa ideia de educação não é a mesma que a nossa.

Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas, quando eles voltavam para nós, eles eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportarem o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo e construir uma cabana, e falavam a nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros. Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão oferecemos aos nobres senhores de Virgínia que nos enviem alguns dos seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos e faremos, deles, homens" (Brandão, 1981, p. 8-9).

Aproveitando a citação de Brandão, antes de relacionarmos os conceitos de devir humano, cultura e escola na nossa investigação, vale a pena incluir o conceito de educação.

1.4 Devir humano, cultura e educação

As **culturas são transformadas**. Transformam-se em ritmos diferentes umas em relação a outras, conforme o contato mais ou menos frequente entre elas, que é o processo denominado de **aculturação**. As culturas são transformadas, também, conforme novidades, criações e inovações são introduzidas no devir cultural, no devir humano, por homens e mulheres, por grupos sociais.

Sendo a cultura um conceito que dá sentido às práticas que constituem o modo de viver e de pensar de grupos sociais, pelos quais se identificam e se diferenciam, podemos dizer que a cultura muda quando as práticas sociais dos grupos mudam. Ao mudar as práticas sociais dos grupos, muda também a humanidade de homens e mulheres.

As culturas são transformadas, por outro lado, pela maneira como as novas gerações assimilam as práticas sociais ensinadas pelas gerações mais velhas.



Vocabulário

Acultuação – É o processo pelo qual um grupo ou indivíduo adota, total ou parcialmente, os costumes, crenças, comportamentos e valores de outra cultura, geralmente devido ao contato prolongado entre elas.

Esse processo pode ocorrer de várias maneiras, como por meio da convivência, educação, casamento, comércio ou mídia.

Por exemplo, quando uma pessoa se muda para outro país, ela pode começar a incorporar aspectos da cultura local, como o idioma, a comida e as tradições, ao mesmo tempo que mantém elementos de sua própria cultura de origem.



Repensando os lugares sociais. Fonte: Freepik

Um exemplo: durante muito tempo, acreditou-se na vocação feminina para cuidar do lar e da educação dos filhos em casa. Da mesma maneira, acreditou-se na vocação masculina para trabalhar fora de casa. Às mulheres pertencia a vida doméstica, enquanto aos homens pertencia a vida pública.

Quanto tempo levou para que essas crenças fossem derrubadas e mulheres e homens pudessem assumir outros lugares sociais? Assim, não é difícil para você pensar que, se o papel das mulheres fica restrito ao ambiente doméstico, ela está excluída de outras atividades que só os homens podem fazer, não é mesmo?

Esse é um exemplo de prática social de restrição à participação de pessoas ou grupos sociais na vida pública. No caso, temos o exemplo da restrição da participação das mulheres que, aos poucos, foi sendo transformada.

Para que transformações (desconstrução e reconstrução) culturais como essa aconteçam, homens e mulheres têm de participar ativamente nas práticas sociais. Para participar, precisam poder e saber agir, além de saber o que esperar (prever) como ação dos outros.

Isso seria quase impossível se as pessoas não conhecessem as regras, os códigos, a língua, as relações de poder; enfim, os padrões de comportamento social.

No interior de uma cultura, portanto, homens e mulheres recebem, aprendem, reproduzem, transmitem, transformam e criam o mundo e a humanidade por meio das práticas socioculturais.



Refleta

Não é difícil perceber a situação das crianças quando chegam à escola, não é?

Procure observar ou lembrar de alguma situação de aluno ou aluna recém-chegado/a na escola que possa exemplificar as dificuldades que alguém sente quando chega em um ambiente social novo para ela.

Procure ver ou lembrar como essa pessoa foi recebida na escola e como ela foi se inserindo na vida escolar.

Com isso, você já deve ter entendido que homens e mulheres são educados e educam a si mesmos nessas práticas, quando participam de um mundo humano, compartilhado por um grupo social.

Dessa forma, é possível dizer que a educação acontece em todos os lugares em que homens e mulheres interagem: na família, no trabalho, no templo religioso, no quintal, na floresta, na escola. Em qualquer um desses espaços, alguém está educando alguém, com ou sem intenção de educar.

O processo pelo qual homens e mulheres são integrados a uma cultura, aprendendo a ser quem são e a viver dentro dela, é denominado **endoculturação**.

A educação, como processo de endoculturação, é a forma pela qual homens e mulheres aprendem a conviver socialmente, compartilhando, discutindo, negociando conhecimentos, valores, crenças, saberes, normas e significados. É, ao mesmo tempo, um acontecimento pessoal (educar-me com os outros) e social (sou educado pelos outros). E é, sobretudo, o modo como o humano se faz presente em cada homem e em cada mulher. É o modo como o humano transforma o humano.

Homens e mulheres se transformam em humanos pela educação, pela endoculturação, pela apropriação, pela produção e reprodução da cultura em que vivem.



Atenção

Entendamos, na nossa investigação, que participar tem pelo menos dois sentidos: fazemos parte de um mundo e o assimilamos nas nossas vidas; por outro lado, agimos nesse mundo adaptando-o às nossas necessidades, aos nossos desejos, aos nossos interesses.



Pratique

Para compreender melhor as relações entre educação e cultura, faça um exercício de interpretação da cultura a partir de sua memória pessoal. Relate uma situação polêmica em que você se posicionou diante de seus pais ou de outras pessoas mais velhas sobre algo que você gostaria de fazer, mas não foi permitido. Esse exercício deve ajudá-lo/a a refletir sobre o que acontece na escola, na relação entre adultos, adolescentes e crianças, no processo educativo e na maneira como alunos e alunas se apropriam da cultura que lhes é transmitida.

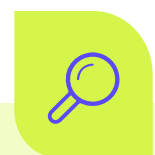
1.5 Devir humano, escola, cultura e cidadania

Desde o nascimento, mulheres e homens aprendem a viver em uma cultura que as gerações anteriores criaram e transmitem a seus descendentes. Essa transmissão cultural é a presença do humano em homens e mulheres.

A educação é, nesse sentido amplo, o processo pelo qual homens e mulheres se fazem, se chamam e se sentem humanos por receberem, reproduzirem, mas, também, por transformarem a cultura das gerações que os antecedem.



Escola como espaço de construção, reprodução e transformação da cultura. Fonte: Freepik



Saiba Mais

Você já se perguntou como as escolas foram criadas? Vale a pena conferir o vídeo a seguir para entender melhor. Para isso, aponte a câmera do seu celular para o QR Code abaixo.



Assista aqui ao vídeo.

E o que é que a escola tem a ver com isso, você pode se perguntar. Pois bem, a escola foi criada como instituição educativa para transmitir às novas gerações aqueles elementos culturais (conhecimentos específicos, significados, atitudes e valores) necessários à participação dos indivíduos na vida sociocultural, conforme a divisão do trabalho, do poder e do saber.

A necessidade de ensinar e de aprender saberes específicos para participar da vida sociocultural fez com que a escola assumisse a função de cuidar e de ensinar às crianças e aos jovens conhecimentos (científicos e técnicos) e valores (estéticos, morais e políticos) que não se aprende em casa nem na rua.

Ao mesmo tempo, a escola é o lugar em que homens e mulheres aprendem (muitas vezes sem saber) de outro jeito os mesmos conhecimentos e valores que aprendem em casa e na rua.

A escola, mesmo sendo uma instituição criada especificamente para cuidar e ensinar, é, como qualquer outra instituição social, um espaço em que homens e mulheres constroem, reproduzem e transformam a cultura. Logo, é também um espaço educativo em sentido amplo.

Contudo, a escola tem a extraordinária tarefa social de criar, intencionalmente, as condições educativas para que homens e mulheres aprendam o que a sociedade e o poder social definem que devem aprender para viver e ter um lugar na sociedade.

A escola, em sua tarefa social, educa tanto para a obediência aos costumes e às normas sociais (padrões de comportamento) como para desenvolver a atitude crítica em relação a esses mesmos costumes e normas.

Em relação aos costumes e normas, a escola, hoje, como garantia do acesso universal à educação básica, educa homens e mulheres como cidadãos, cumpridores de deveres e portadores de direitos, e como trabalhadores produtivos, conforme o art. 22 da Lei nº 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

No que toca à atitude crítica, a escola educa homens e mulheres como cidadãos conscientes de que devem cumprir seus deveres para viver em uma sociedade justa e, ao mesmo tempo, conscientes de que a justiça social não se faz apenas com deveres, mas com direitos iguais e acessíveis a todos.



Pratique

Considerando o que você investigou até aqui sobre o devir humano e suas relações com a cultura, a educação e a escola, procure descrever as funções e as tarefas de trabalho que você cumpre na escola.

Com esta atividade, você fará o exercício de descrever suas práticas de trabalho na escola para refletir sobre o conceito de humanidade que as orienta. Pergunte-se: que humano eu ajudo a educar fazendo o que faço na escola? O resultado da atividade deve ser uma dissertação em que você descreve as principais funções de trabalho, seguida de uma reflexão crítica sobre o conceito de humano implícito a elas.

Resumo

Nesta primeira unidade, nossa investigação deve ter levado você a perceber que homens e mulheres não são humanos por natureza ou por criação divina, mas se tornam humanos ao aprenderem, com outros homens e mulheres, a viver em uma cultura.

Deve ter percebido também que a cultura é um conjunto de respostas de diferentes grupos sociais às diversas exigências da vida. Portanto, há diferentes culturas, ou seja, diferentes modos de viver que fazem de homens e mulheres seres diferentes entre si: diversas culturas, diferentes humanidades.

Você notou que, quando alguém valoriza sua cultura acima das demais, temos o etnocentrismo: aquela visão que coloca a própria cultura como central em relação às outras, que se tornam periféricas e desvalorizadas.

Viu também que a transmissão cultural, o cultivo que as gerações mais velhas fazem das gerações mais novas, é chamada de

endoculturação, ou transmissão cultural, parte importante da educação humana de homens e mulheres. Por fim, viu que, no processo histórico da cultura ocidental, a tarefa social da educação coube à escola, encarregada de ensinar ou criar as condições para que crianças, jovens e adultos possam aprender conhecimentos e valores específicos para responder às necessidades sociais, conhecimentos e valores esses criados por outros homens e mulheres que os antecederam.

Indicações de Leituras e Filmes

Leituras

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

DUARTE JR. João Francisco. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SANTOS, Luiz Carlos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Filmes

CIDADE de Deus. Produção de Fernando Meirelles e Kátia Lund. Brasil: Globo Filmes, 2002. 1 disco blu-ray (130 min).

GREYSTOKE, A Lenda de Tarzan. Produção de Hugh Hudson. Estados Unidos: The Ladd Company, 1984. 1 disco blu-ray (143 min).

O ENIGMA de Kaspar Hauser. Produção de Werner Herzog. Alemanha: Werner Herzog Filmproduktion, 1974. 1 disco blu-ray (110 min).



2

**Devir humano,
linguagem e educação**



Devir humano, linguagem e educação

Como você se sentiu ao fim da primeira parte de nossa investigação? Foi trabalhosa? Fez pensar? Fez escrever? Espero que sim!

Se você sentiu alguma dificuldade, procure entender a origem dela: se foi por causa das palavras estranhas, cujos significados você não conhecia, ou se foi por causa da forma como o texto está escrito, ou se foi por causa do conteúdo do texto. Se não foi por nenhuma das causas anteriores, pode ser que a escrita esteja mostrando um mundo diferente do que você está acostumado/a. São possibilidades de entender a eventual dificuldade que você tenha sentido.



Refleta

Lembre-se de que o modo como você está recebendo o que está escrito neste Caderno é sua maneira de transformar a cultura, a cultura escolar e a cultura humana.

É um modo de transformar significados, conceitos, conhecimentos, atitudes e valores. Tenha coragem! Fique firme na investigação!

Espera aí! Por que você está lendo este Caderno? Para compreender o que está escrito? Para saber o que eu, como professor-autor, sei e penso sobre o assunto que estamos investigando juntos? Ou o texto é pretexto para você se perguntar, pensar e buscar respostas sobre como nos fazemos humanos na cultura e na escola?

As três alternativas ao mesmo tempo? Como assim?

Ah, sim! Você recebe do seu "jeitão" aquilo que tento lhe transmitir por meio da escrita. Então, na leitura, você precisa saber ler e interpretar o que está escrito? É isso? E eu escrevo tendo de saber escrever e expressar, pela escrita, o que penso e sei sobre o assunto de tal maneira que você possa ler e interpretar, não é isso? A escrita serve, ao mesmo tempo, para que eu expresse meu pensamento, para que eu e você possamos nos referir ao mesmo mundo, e para que você possa construir sentido às suas vivências, ao seu trabalho, à educação escolar com base na leitura que faz, ao mesmo tempo que pode significar a leitura com base nas suas vivências. Buscamos nos comunicar e, no entanto, nem nos conhecemos pessoalmente. Como isso é possível?

Eis o problema a ser investigado nesta unidade: como nos fazemos humanos na linguagem e nas práticas simbólicas?

Na Unidade 1, você viu que uma das práticas culturais pela qual aprendemos, transmitimos e transformamos o mundo humano – a cultura – é a prática simbólica, ou prática de linguagem. Aqui, você verá como, nessas práticas, a simbolização e a comunicação se relacionam entre si e com o devir humano.



Linguagem, diálogo e educação. Fonte: Freepik

Minha ideia, nesta unidade, é de ajudá-lo/a a refletir sobre o sentido da linguagem na construção da humanidade de homens e mulheres, o que você fará ao compreender:

- o que é a linguagem e o que faz de homens e mulheres seres simbólicos;
- por que a linguagem é um elemento no qual homens e mulheres se relacionam e nessas relações constroem, disputam e negociam sentidos para o mundo humano;
- por que o diálogo é fundamental tanto na educação em sentido amplo como na educação escolar.

Nos parágrafos anteriores, procurei chamar sua atenção para o seguinte: a linguagem nos possibilita ter contato uns com os outros. É uma das condições da vida sociocultural. Portanto, o humano se faz simbolicamente; é um ser que cria e usa símbolos com os quais e pelos quais significa o mundo e comunica aos outros, criando, então, um ou diversos mundos simbólicos.

Quando eu escrevo, crio um mundo simbólico. Quando você lê, poderá criar outro mundo com os mesmos símbolos que eu construí.



Saiba Mais

Platão foi um filósofo grego que viveu no século V a.C. A afirmação a que me referi está em um de seus diálogos, intitulado "Fedro".

Contudo, nem sempre pessoas e grupos sociais conseguem se entender com outros sobre os significados que constroem no mundo. Pois é, como dizia **Platão**: "a linguagem pode ser, ao mesmo tempo, remédio e veneno". Sim, pois se os significados são construídos na linguagem, homens e mulheres podem muito bem se enganar e serem enganados com ela. Com a linguagem, podem tanto esclarecer quanto obscurecer. Tanto podem emancipar-se, tornar-se autônomos nos seus saberes, nas suas decisões e atitudes, como podem se iludir e ficar dependentes dos outros, sobretudo quando os outros utilizam mecanismos de poder diversos para evitar que a linguagem multiplique os significados e faça o pensamento fluir. Ou seja, usam a linguagem para conservar o mundo como está, pois tiram vantagens pessoais desse mundo.

Então, tanto as pessoas se entendem como se desentendem na linguagem. Tanto podem dizer o que querem como podem ficar limitadas a dizer o que os outros querem que digam.

Investiguemos, então, as contribuições da linguagem, da simbolização no devir humano.



Pratique

Você concorda que há situações em que homens e mulheres parecem papagaios, apenas repetindo o que os outros dizem sem conseguir expressar ou pensar de forma diferente? Isso já aconteceu com você? Você poderia descrever uma situação em que isso aconteceu? Se sim, relate onde, quando, com quem e o que ocorreu.

Anotações



2.1 Linguagem: conceito e componentes

A linguagem é elemento constituinte do humano, pois com ela homens e mulheres significam as coisas e os acontecimentos, expressam seus sentimentos e pensamentos, comunicam-se uns com os outros, entendem-se e desentendem-se entre si, dialogam. Com a linguagem, homens e mulheres organizam o mundo humano, construindo sentido para o que aprendem e para o que fazem, bem como para o que existe e acontece no mundo.

Sem linguagem, a convivência humana seria muito diferente do que é. Tal como foi dito na unidade anterior, o devir humano tem elementos naturais e culturais. Isso quer dizer que há fatores biológicos que possibilitam significar, falar, escutar, escrever, ler e sentir, por exemplo. Nosso corpo, por assim dizer, possui certas condições para a linguagem.

Mas esse equipamento corporal será suficiente para podermos expressar, representar, significar e comunicar o que sentimos e pensamos sobre as coisas que existem, sobre o que acontece, sobre nós mesmos e nosso mundo?

O fato de você poder escutar ou emitir algum som, ler ou escrever alguma palavra, ver, sentir ou fazer algo, garante que possa construir significados para o som, para a palavra ou para a ação?



A linguagem para além da expressão oral. Fonte: Freepik

Parece que não. Afinal, quando nasceu, já existia uma linguagem à sua disposição, na qual você aprendeu a ser e na qual aprendeu a se relacionar com os outros. Mesmo aqueles indivíduos cujo corpo não apresenta todas as condições biológicas para aprender a falar, por exemplo, conseguem se relacionar com os outros por meio de outras formas de linguagem, que não a oral.



Pratique

Na escola em que você trabalha existem alunos/as com necessidades educativas especiais? Veja se consegue identificar suas necessidades e, depois, procure observar como eles/as se comunicam com as outras crianças e com os/as professores/as, para ver que tipo de linguagem usam, conforme a necessidade. Procure perceber como as diferenças, quando se relacionam, promovem a igualdade de direitos entre eles.

Ao realizar esta atividade investigativa, é importante compreender que existem diferentes linguagens e que, na escola, onde existem pessoas diferentes, é preciso que todos possam se comunicar com linguagens adequadas. Além disso, a atividade é um exercício de observação sobre o comportamento de grupos específicos. Como resultado, você deve descrever as diferentes necessidades dos/as alunos/as, típicos/as e atípicos/as, e indicar como cada um deles se comunicam com os outros, dizendo que tipo de linguagem usam. Não deixe de consultar pessoas, livros ou outras fontes que possam lhe ajudar na descrição.



Saiba Mais

Na linguagem, signos são unidades fundamentais que servem para expressar, representar e comunicar ideias, objetos, ações, sentimentos e conceitos.

Eles são a base do processo de comunicação e podem assumir diversas formas, como palavras, imagens, sons, gestos e símbolos.

Além das condições corporais, a linguagem tem condições socioculturais, pois é um sistema simbólico: um conjunto de **signos** que podem ser combinados e usados seguindo regras. Esse sistema simbólico é criado culturalmente. É óbvio, portanto, que você precisa aprender, conhecer e saber usar alguma linguagem para poder expressar seus sentimentos, pensamentos e emoções, representar as coisas e acontecimentos do mundo e se comunicar com outros homens e mulheres.



A linguagem como forma de expressão de sentimentos, pensamentos e emoções. Fonte: Freepik

Com a linguagem, você tem condições de simbolizar, e com a simbolização, tem condições de significar e registrar acontecimentos que não podem ser repetidos nem revividos. Que importância tem o registro de acontecimentos? Ora, os outros só saberão desses acontecimentos e aprenderão alguma coisa sobre eles se estiverem registrados.

Como você saberia alguma coisa sobre a chegada dos portugueses nessas terras, chamadas de Brasil, se Pero Vaz de Caminha não tivesse escrito cartas?



A carta de Pero Vaz de Caminha. Fonte: Wikimedia Commons.

Tente pensar numa situação do dia a dia, como o recreio na escola em que você trabalha. Que sentido tem o recreio para alunos/as, professores/as e funcionários/as? Quando você faz esse questionamento, percebe que só pode saber o significado para cada um desses grupos se as pessoas falarem, escreverem, desenharem, dançarem ou gesticularem – enfim, se elas se expressarem para você por meio de alguma linguagem, certo? De alguma linguagem que você possa compreender.

Agora, coloque-se em outra posição: em vez de tentar escutar e tomar a linguagem oral/verbal (as palavras faladas de alunos/as, professores/as e funcionários/as) para saber o significado do recreio, procure observar você mesmo como as pessoas se comportam nesse intervalo de tempo.

Você percebe como os/as alunos/as se movimentam, conversam, gritam, correm, brincam, riem, choram, e como os/as professores/as e os/as funcionários/as, em geral, não ficam no pátio da escola no momento do intervalo, a não ser quando precisam cumprir alguma função específica?

Observando, descrevendo e refletindo sobre o que percebe, você criará significados para o recreio sem precisar perguntar a outras pessoas. Como isso é possível?

Ao fazer isso, você **simboliza**, transformando o comportamento dos/as alunos/as, dos/as professores/as e dos/as funcionários/as em expressão simbólica. Usando palavras, você está simbolizando. Ao usar palavras, você está a significar o que percebe e pode registrar para transmitir a outros. Talvez você possa dizer: "os/as alunos/as se sentem livres no pátio" ou "o pátio deixa as crianças enlouquecidas", conforme a visão simbólica que você já tenha construído com experiências anteriores, ou seja, com seus pré-conceitos.

Na descrição, você usará um repertório de palavras que conhece para poder expressar o que percebeu ou sentiu ao observar os(as) alunos(as) no pátio, ou seja, vai falar ou escrever a alguém conforme as **condições linguísticas** e **linguageiras** que tiver para isso. Mas você poderá simbolizar desenhos também. Talvez, quem escutar ou ler o que você escreveu ou desenhou não entenda tal como você pretendeu expressar. Isso é um problema, porque os signos se tornam independentes de quem os expressou.



Vocabulário

Simbolizar – É transpor em signos e símbolos as ideias, os acontecimentos, os pensamentos, os sentimentos, as coisas, as pessoas e outros signos e símbolos.

Condições linguísticas – Referem-se ao conhecimento científico da língua: gramática, sintaxe etc.

Condições languageiras – Referem-se ao saber usar a língua, independentemente do conhecimento científico.

No caso da minha escrita, por exemplo, as palavras que você está lendo têm o significado da sua leitura e, ao mesmo tempo, o significado com o qual eu as escrevi.



Pratique

Você compreendeu o conceito de simbolização e como construímos um mundo simbólico? Para avançar na teoria e na prática, investigue: observe o recreio ao longo de uma semana. Depois, procure conversar com algum/a colega de trabalho, funcionário/a, gestor/a ou professor/a, para dizer em palavras (oralmente ou por escrito) ou em desenhos, ou até em fotografias, o que você observou e o que entendeu que acontece lá. Preste atenção se seu colega concorda com você. Preste atenção, sobretudo, em como você pode ficar sabendo se o seu colega concorda ou não com você. Qual o papel da linguagem e da simbolização nessa relação entre vocês?

Com esta atividade, espero que você consiga compreender a relação entre o que acontece e o que você diz na construção simbólica da realidade. Com a atividade, você poderá fazer mais uma experiência de observação e descrição, agora enriquecida pelo diálogo com outro/a observador/a. Além disso, deverá notar que, embora o recreio tenha acabado, você, com palavras, desenhos e fotos, mantém ele acontecendo para construir sentido.

O resultado desta atividade deve ser o registro oral, por escrito ou em outra linguagem, das suas conclusões.



Saiba Mais

Simplificando uma pista dada por Vygotsky, o **significado neste Caderno** é o que as pessoas entendem com base em signos.

É o que homens e mulheres pensam que as coisas, os acontecimentos, as pessoas e as palavras dizem a elas com base em signos. Assim entendido, significado é diferente de **sentido**, que é a interpretação que homens e mulheres fazem dos signos no contexto em que são usados.

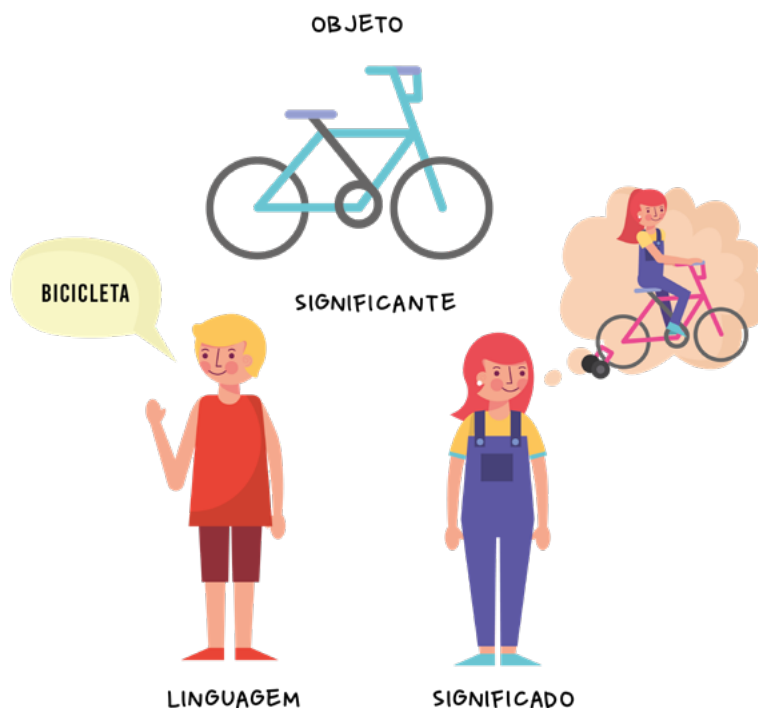
Ou seja, se o significado depende dos signos, o sentido depende do contexto em que os signos são usados, como ficará mais claro ao refletirmos sobre o diálogo.

Bem, isso quer dizer que, quando estamos fazendo uma investigação conceitual, construímos os conceitos com base no significado dos signos e no sentido que atribuímos a eles.

As linguagens podem ser transformadas pela apropriação e pelo uso (prática) que as pessoas fazem quando as aprendem, criando novos significados para os signos e novos signos para expressar e representar novos pensamentos, sentimentos e acontecimentos. Mas o que significa mesmo "significado"? Que pergunta estranha, não? Qual o significado da palavra significado?

Acontece que os signos são significantes, assim como os acontecimentos, as pessoas, os objetos são significantes para homens e mulheres. Os signos possibilitam a construção de significados pelos quais homens e mulheres se situam no mundo. No exemplo da floresta, que vimos na Unidade 1, tanto para o indígena como para mim, as árvores, os cheiros, os rastros, os animais são significantes. Para o indígena, entretanto, esses elementos têm um significado e, para mim, outro. Por isso, o mundo do indígena é diferente do meu. Cada um tem um mundo simbólico relativo à cultura na qual foi educado. Mas isso não impede que nos respeitemos e compreendamos um ao outro, por meio de uma linguagem comum a nós dois.

Então, os signos são significantes porque possibilitam que você construa, expresse e comunique significados com eles, para dizer aos outros o que sente, vê, pensa, isto é, para compartilhar, disputar e negociar o sentido do mundo com os outros.



O processo de significação. Fonte: Elaboração própria com adaptações de Freepik.

A linguagem também é inseparável da imaginação e da criação. Por isso, você pode dizer, tranquilamente, que o devir humano é simbólico e acontece na linguagem. Ou seja, são homens e mulheres que criam, juntos com outros homens e mulheres, o sentido da vida e do mundo humano. Não há humanos sem linguagem.

Você se expressa na sua língua, que é o português, imagino. Mas o modo como você fala é o mesmo de outras pessoas que compartilham essa língua com você? O modo como falam na sua região sempre foi o mesmo? Você diria que a língua que você fala é a mesma que seus antepassados falavam?

2.2 Linguagem e língua

Você, talvez, possa estar a se perguntar se linguagem e língua são a mesma coisa, já que antes os exemplos eram sobre falar e escrever.



Ilustrações sobre as línguas de sinais. Fonte: Freepik

Respondo a você dizendo que são e não são. Quero dizer, portanto, que a língua é apenas um entre muitos tipos de linguagem. A língua é linguagem, mas nem toda linguagem é língua, muito embora a língua falada seja, ao longo da história, a linguagem



Atenção

Ao registrar em signos ou símbolos os objetos, os acontecimentos, seus sentimentos, suas emoções e seus pensamentos, você pode torná-los acessíveis a você mesmo e aos outros, mesmo quando não estão presentes.

Isso possibilita recordar o passado, viver e pensar o presente e imaginar o futuro. Com a linguagem, estabelece-se a historicidade humana e, com ela e com o trabalho, ocorre a humanização da natureza.

mais importante para homens e mulheres. Note, contudo, que, na escola, a linguagem mais importante é a escrita, usada nos livros, nas aulas, nos murais, na internet etc.

Bem, historicamente, as linguagens são classificadas em dois grandes tipos: as não verbais e as verbais.

Entre as não verbais, você encontra a linguagem por sinais, por gestos, por desenhos, por cores etc. Já as linguagens verbais são as diversas línguas faladas e escritas no mundo, como, por exemplo, o português, o inglês, o tupi-guarani e o quimbundo.

As línguas são convencionais, isto é, foram criadas por homens e mulheres em determinadas condições históricas e foram se constituindo em estrutura independente de quem as usa.

Como estrutura, a língua é um código, um sistema simbólico no qual os signos se movimentam, indo do falante ao ouvinte, do escritor ao leitor. Para que esse movimento seja possível, tem de haver um emissor (falante ou escritor) que codifica (simboliza) na língua o que pensa, percebe e sente. Com isso, pode emitir signos para um receptor (ouvinte ou leitor), que os recebe e decodifica. O emissor e o receptor precisam compartilhar e saber usar a mesma língua, na sua estrutura (ter competência para isso; participar de uma comunidade linguística), e saber usá-la de sua própria maneira (desempenho - atos de fala ou de linguagem que realiza), ou seja, o emissor tem de ter um "jeitão" próprio de falar que comunique, que os outros possam entender. Como exemplo, podemos considerar uma cena do filme "Ó Pai Ó", que você pode acessar através do QR Code abaixo:

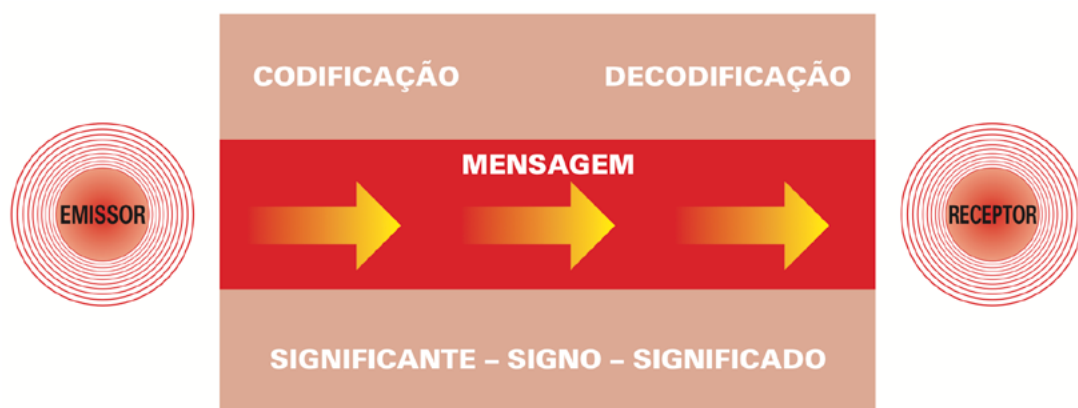


Notou como se desenvolve a conversa entre Roque (personagem de Lázaro Ramos) e Boca (personagem de Wagner Moura)? Eles querem chegar a um entendimento ou estão tentando convencer um ao outro sobre o seu interesse próprio? Eles sabem usar a mesma língua e a mesma linguagem?



Observando a cena como um todo, notou que os demais personagens são significantes? Eles fazem parte do diálogo entre Roque e Boca? Qual o significado dos demais personagens na cena? Essas perguntas já não se referem mais apenas aos dois personagens que conversam, mas desafiam a nós, expectadores da cena, a compreender o significado que o diretor do filme quer passar por meio dos signos que emite.

Codificar e decodificar signos supõe que as línguas sejam transparentes como códigos. É como se o que fosse dito na fala ou na escrita tivesse um significado preciso, que pode ser compreendido pelo simples fato de se saber usar a língua. E se alguém não consegue entender os significados próprios da língua, é porque não tem competência, não sabe usá-la. Esse é um jeito de significar e entender a língua.



O processo de codificação-decodificação. Fonte: Elaboração própria.

Contudo, há outro jeito de significar e entender a língua. Veja: quando você aprendeu a falar, quando aprendeu a usar a língua portuguesa, ela já tinha sua estrutura, porém, só ao vivenciar suas experiências e começar a falar, é que a língua passou a existir, na prática, para você. Então, as práticas socioculturais com a língua dizem respeito, primeiramente, à fala humana. Homens e mulheres, ao falarem, criaram a língua como uma instituição sociocultural para poder expressar sentimentos ou representar alguma coisa para os outros, independentemente das regras de combinações e uso que a estruturam.

Ao mesmo tempo em que homens e mulheres criaram a língua, o humano passou a ser criado na linguagem como conceito, como sentido da vida de homens e mulheres, cuja existência vai sendo marcada pelos limites da língua. Assim, você, por exemplo, vai se tornando aquilo que você mesmo diz e o que os outros dizem e escrevem a seu respeito e para você. Os limites criados pela língua permitem ou impedem você de pensar sobre o que dizem que você é. Você é levado/a a pensar que só pode fazer e ser o que dizem que pode fazer e só pode ser como dizem que deve ser.



Reflita

Tem muita gente que pensa que pessoas sem escolaridade têm dificuldades para aprender e compreender conceitos, e que elas têm preguiça de pensar.

Você concorda com essa posição? Você poderia descrever um ou mais exemplos que mostrem se essa ideia é verdadeira ou falsa?

No entanto, um mundo novo pode se abrir quando você se perguntar sobre o significado do que é dito e escrito a seu respeito e sobre a validade ou verdade desse significado.

Quer dizer que um mundo novo se abre quando você percebe que pode ser você mesmo/a e não o que os outros dizem que deve ser.

Pois é, é na linguagem e na língua que você se torna o que é e pode mudar seu mundo e a si mesmo/a, mudando, ao mesmo tempo, a linguagem e a língua, quando cria outras formas de falar, de expressar e de comunicar.

Na linguagem e com a linguagem, homens e mulheres se encontram uns com os outros e podem perceber e imaginar como os outros pensam e vivem, do que gostam ou não gostam, o que valorizam ou não valorizam, o que sabem e o que não sabem. Mas, é na linguagem, também, que homens e mulheres constroem e aceitam muitos preconceitos.

Com a linguagem, portanto, você pode virar as costas ou pode tentar se colocar no lugar dos outros para conhecê-los, o que sugere que haja comunicação entre homens e mulheres diferentes.

Anotações



2.3 Linguagem e comunicação

Como você já viu, é preciso compartilhar e saber usar uma linguagem para que haja comunicação. Pode ser, por exemplo, uma linguagem de sinais, como a **Língua Brasileira de Sinais (Libras)**, ou uma linguagem verbal, como a língua portuguesa. E é preciso, também, que se pratique essa linguagem. Com isso, você tem condições para expressar e significar alguma coisa: sentimentos, pensamentos, saberes, conhecimentos, opiniões.

Entretanto, o problema que você está investigando é como nos fazemos humanos no e pelo uso da linguagem (práticas simbólicas), lembra?

Lembra também que, se a linguagem não é transparente para o/a receptor/a, então ele/a tem de dialogar com o/a emissor/a: fazer perguntas, conversar etc. É preciso saber se o que entendeu é o que o/a emissor/a queria dizer. Quando isso acontece, emissor/a e receptor/a estabelecem um tipo de interação em que ambos trocam de papéis. Já não são mais emissor/a e receptor/a, são agora **interlocutores/as**.

O que é preciso, então, para que a comunicação aconteça?

É preciso que a linguagem seja compartilhada, que os significados possam ser expressos, e mais: é preciso que possam ser compreendidos e que haja interação entre emissor/a e receptor/a, de tal modo que se façam interlocutores/as. A comunicação acontece com base nos signos, nas regras de combinação e uso dos signos, com base nos significados que os signos podem possibilitar e, o mais importante, com base no entendimento e cooperação entre os/as interlocutores/as na construção dos significados.



Saiba Mais

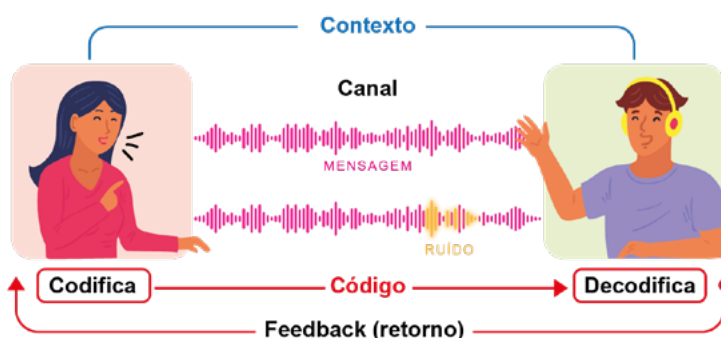
Informações sobre **Libras**, acesse: <https://www.libras.com.br/o-que-e-libras>.



Vocabulário

Interlocutores – São aqueles que estão envolvidos em um processo de comunicação: o emissor e o receptor; os dialogantes; enfim, são pessoas que se relacionam na e pela linguagem, sabendo usá-la.

ELEMENTOS DA COMUNICAÇÃO



Elementos da comunicação. Fonte: Elaboração própria.



Refleta

Pense nos meios de comunicação com os quais nos relacionamos diariamente (TV, rádio ou jornal) para citar os mais tradicionais, ou nas redes sociais.

Que tipo de cooperação ou interação há entre quem emite (apresentadores, locutores, escritores, influenciadores profissionais, pessoas comuns) e quem recebe (espectadores, ouvintes e leitores) os signos?

Como é a sua experiência, por exemplo? Não vá adiante sem pensar nisso!

Com os meios de comunicação, parece que não há interlocução, não é? Você é um mero espectador/a, ouvinte e leitor/a. Só tem direito de entender aquilo que é dito sem poder questionar, pedir esclarecimentos, ter mais informações. Embora receba informações, não está autorizado/a, socialmente, a questioná-las. Não existe interlocução com os meios de comunicação.

A comunicação exige ações cooperadas e interativas. Isso quer dizer que, para se comunicar, você precisa estar em contato com o seu/sua interlocutor/a.

Na comunicação, contudo, os/as interlocutores/as não têm de chegar a acordos e produzir significados coletivos. O caso é que, estando em contato, você pode interagir, participar, questionar, ter uma compreensão mais consistente do que o outro diz e, com isso, fica melhor informado/a, podendo se posicionar melhor em relação ao que é dito.

Na comunicação, portanto, os/as interlocutores/as podem trocar diferentes perspectivas e colocarem-se no lugar um/a do/a outro/a. Nessa condição é que se estabelece o diálogo. Assim, eu posso muito bem aprender que a floresta tem um significado para o indígena que não é o mesmo para mim. E você pode aprender e compreender que o recreio tem um significado para alunos/as que não é o mesmo para professores/as e funcionários/as, por exemplo.



Pratique

Assista a algum noticiário de televisão. Preste atenção em quem tem autoridade para participar da construção do significado dos acontecimentos do dia. Quais são as pessoas que opinam e defendem algum significado sobre acontecimentos políticos ou econômicos, por exemplo? Não deixe de anotar suas conclusões.

2.4 Comunicação, diálogo e educação

Diálogo é a palavra compartilhada. É uma situação de interlocução, ou seja, interação por meio da linguagem, na qual os/as participantes têm direito à fala e, é claro, direito e dever à escuta. Quando alguém só fala e não escuta o/a outro/a, temos um monólogo.



Diálogo como elemento fundamental da comunicação. Fonte: Freepik

E por que o diálogo é fundamental na comunicação? Ora, porque dialogando é possível perceber as diferenças e negociar, disputar e compartilhar o sentido do mundo humano.

Mas, preste atenção: a história da espécie humana e dos grupos humanos é uma história de transformações, de mudanças, de devir, justamente na tentativa de criar condições para a vida social. Assim, segundo o mais conhecido educador brasileiro, Paulo Freire:

O diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos (...). Isto é, o diálogo é uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal como a fazem e refazem (Freire, 1987, p.122-3).

O diálogo vivenciado como comunicação pode ajudar você a assumir uma atitude crítica, isto é, uma postura de quem é e quer ser autônomo no pensamento e na ação. Essa postura, por sua vez, pode levar a duas situações:

1 – a de produzir significados coletivos, acordos sobre o mundo, sobre nós mesmos, sobre a vida. É o que se costuma chamar de consenso.

2 – abre-se para múltiplas possibilidades de significação com base no fluxo das diferentes falas e escutas (diversidade cultural) que se manifestam no mundo, em oposição à ideia de uma fala única e universal (etnocentrismo). Aqui, a comunicação visa à expressão, permitindo que os diferentes reconheçam as diferenças entre si e aprendam uns/umas com os/as outros/as.

Apesar de diferentes, em uma ou em outra situação, uma cultura do diálogo educa no diálogo, isto é, possibilita que homens e mulheres de culturas diferentes se encontrem para dizer uns/umas aos/as outros/as o que pensam, como vivem e o que esperam da vida, além de possibilitar que, desse encontro, novos sentidos possam ser criados. Dialogar com um/a aluno/a sobre o que ele pensa sobre o recreio pode levar você a ter outra visão do/a aluno/a, do recreio e de você mesmo/a.

Sendo assim, podemos dizer que o diálogo é educativo, a educação é dialógica e tem tudo a ver com o devir humano.

Contudo, se você quiser compartilhar a palavra, não é apenas pela compreensão dos significados que vai conseguir. Você precisa construir a situação para saber se os sentidos são válidos. Não é porque um sentido é compreendido que seria válido e poderia ser aceito.



Refleta

Procure pensar sobre as situações de diálogo das quais você participa na escola: aquelas informais com os colegas na hora do café e aquelas institucionais, como uma reunião de planejamento de trabalho.

Você notou alguma diferença? Em que consiste essa diferença?

Para que isso fique bem claro para você, tente descrever em detalhes ambas as situações, pois assim poderá compará-las melhor.

Caso não participe de situações escolares de diálogo, procure entender o motivo, abrindo diálogo com os colegas.

Voltando à situação da sua relação com este texto, por exemplo, pode ser que você não tenha nenhuma dificuldade de compreensão de seu conteúdo. Mas isso não significa que o esteja aceitando para as suas práticas escolares. Mesmo sem compreender e aceitar, poderá, contudo, ressignificar o seu próprio modo de agir. Uma educação dialógica, assim, é sempre uma educação crítica que consiste na possibilidade de os/as interlocutores/as trocarem de papéis (falar e escutar), exporem o sentido daquilo que fazem ou dizem quando querem ensinar e aprender, de tal maneira que quem escuta possa questionar, duvidar e expressar outros sentidos até poder compreender e aceitar, ou criar outras possibilidades de significação sobre o assunto acerca do qual dialoga.

Você pode dizer, portanto, que uma educação dialógica e crítica se afirma na base da interação, da interlocução, do diálogo e da argumentação, que compõem um momento participativo de reflexão e significação partilhadas, mas nunca se afirma apenas na repetição daquilo que as "autoridades" dizem: governantes, estudiosos, padres, pastores, professores, entre outros.



Refleta

Em que consiste educar-se e educar, senão em compreender e tomar posição frente ao sentido do que os outros dizem, para que possamos, também, falar e agir com autonomia?

2.5 Escola, comunicação e cidadania

Na escola, como instituição social educativa e como espaço cultural, muitas vezes supõe-se que o sentido das coisas, dos acontecimentos, das ações, e mesmo dos conhecimentos, podem ser transmitidos transparentemente pela linguagem. Basta alguém dizer alguma coisa que o/a outro/a compreende o sentido do que é dito.

Mas, se Platão estivesse certo, você precisaria pensar melhor sobre isso, não é? Sim, pois como vimos antes, a linguagem não é tão transparente assim: podemos tanto nos entender como nos desentender na linguagem. Que influências isso pode ter em seu trabalho na escola?

Retome a situação do recreio que você observou para pensar nos efeitos da linguagem e do diálogo no devir humano. Tente entender isso melhor.

Você viu que os sentidos podem ser construídos a partir da observação de situações novas e de significações já construídas

em outras experiências (pré-conceitos). Assim, não é difícil notar que, de alguma maneira, essa relação também se dá na linguagem (no mundo simbolicamente construído e organizado).

Homens e mulheres regram, normatizam, disciplinam e controlam o comportamento social por meio de significados. Com a significação, modelam valores, poderes e formas de inclusão e de exclusão nos grupos sociais. A linguagem pode tanto cristalizar ideias, significados e comportamentos quanto multiplicá-los e diversificá-los.

Essas duas posições, cristalizar e diversificar, podem levar à tomada de decisões na escola, conforme aquilo que nela se tem entendido por educação, considerando que a escola tenha elaborado um Projeto político-pedagógico (PPP) do qual a comunidade escolar tenha participado na construção do sentido da educação proposto nesse projeto.

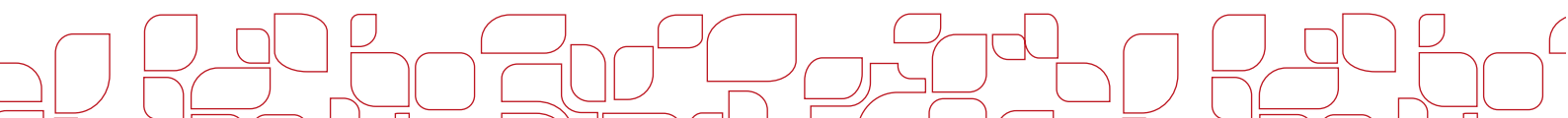
Por exemplo, com base na segunda significação que supomos, você poderia ter dado aos alunos/as quando estão no recreio: gente louca é gente que não sabe e não pode conviver com os outros, então precisa ser disciplinada para se comportar como uma pessoa normal. A disciplina na sala de aula e o controle das pessoas no recreio seriam práticas educativas com esse fim. Contudo, nesse exemplo, não se questiona se o comportamento exigido na sala de aula tem algo a ver com o comportamento do recreio, isto é, se a disciplina exigida em sala não afeta o comportamento dos/as alunos/as no recreio.

Será que afeta?

Como instituição que educa, a escola se faz em um espaço de participação, de interlocução, de compartilhamento, de disputa e de negociação de significados que implicam transformações na vida de cada um/a dos/as que a frequentam.

Você pode pensar, então, que a linguagem tem uma dimensão comunicacional que possibilita compreender o significado expresso por alguém pelo diálogo, isto é, no momento da interlocução, quando dois ou mais indivíduos (duas ou mais culturas) se relacionam por meio da linguagem.

Nas relações e pelas relações que homens e mulheres estabelecem com a linguagem, com o mundo e com os/as outros/as na e pela linguagem que criam, mantêm, transformam e recriam as instituições, os valores, as relações; enfim, organizam a vida e o mundo, dando a



eles sentido e constituindo o modo de viver humano, por meio da cultura e da identidade. Com a linguagem, homens e mulheres se educam e são educados. Tornam-se humanos.



A linguagem como educação e humanização. Fonte: Freepik



Pratique

Entreviste um/a gestor/a, um professor/a e um/a responsável por aluno/a da escola em que você trabalha, e pergunte: que contribuições o meu trabalho oferece à escola? Anote ou grave as respostas. Depois, faça uma tabela e compare os sentidos, incluindo o sentido que você mesmo/a dá ao seu trabalho. Por fim, com base na comparação, tente responder às seguintes perguntas:

- 1)** O sentido do seu trabalho é o mesmo para todos/as os/as entrevistados/as?
- 2)** Nas respostas, o que é dito de diferente e que você ainda não havia se dado conta sobre o seu trabalho?

3) Algum entrevistado falou sobre as contribuições do seu trabalho para a educação de alunos e alunas?

4) Você entende que, a partir dos sentidos que os/as entrevistados/as atribuem ao seu trabalho, você pode vir a pensar e fazer diferente o seu trabalho na escola?

O resultado desta atividade deverá ser um relatório descrevendo e comparando as respostas, seguido de uma reflexão crítica sobre o sentido educativo do seu trabalho, com vistas a construir um novo significado, se for o caso.

Resumo

Nesta unidade de estudos, você deve ter compreendido como a linguagem é importante para o devir humano e para a educação de homens e mulheres, pois nela é possível registrar acontecimentos, falar do mundo, expressar o que acontece no nosso corpo e pensamento e, sobretudo, na linguagem nos relacionamos com os outros, de tal modo que ela é fundamental para ensinar e para aprender a viver humanamente.

Você deve ter se dado conta, depois, de que a língua que falamos é um tipo de linguagem: a linguagem verbal. Deve ter notado que aprendeu a ser o que é escutando o que os outros dizem a respeito de homens e mulheres em geral e a seu respeito, especificamente.

Em terceiro lugar, você deve ter visto que a linguagem permite a comunicação quando as pessoas a compartilham, sabem usá-la e interagem entre si por meio dela. Por meio da linguagem, duas ou mais pessoas podem conversar, questionar-se e negociar sentidos.

Por fim, deve ter notado que a comunicação e o diálogo possibilitam que, na relação com outras pessoas e com os diferentes, podemos construir consensos ou afirmar nossas diferenças. Em ambos os casos, construímos e refletimos, junto com eles e elas, sentidos para a humanidade: aprendemos nossa humanidade e a humanidade das outras pessoas conversando crítica e autonomamente com elas.



Indicações de Leituras e Filmes

Leituras

DÍAZ BORDENAVE, Juan E. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

HOUAISS, Antônio. **O que é língua**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Filmes

DOMÉSTICAS - o filme. Produção de Fernando Meirelles e Nando Olival. São Paulo: O2 Filmes, 2001. 1 disco blu-ray (85 min).

ILHA das flores. Produção de Jorge Furtado. Porto Alegre: Casa de Cinema de Porto Alegre, 1989. 1 disco blu-ray (15 min).

Anotações



A photograph of three professionals in a modern office setting. A woman with blonde hair tied back, wearing a light blue button-down shirt and tan trousers, stands on the left, holding a black pen. A man with a beard and glasses, wearing a light blue button-down shirt, stands behind her, looking at a laptop screen. A woman with dark hair in a braided pattern, wearing a light blue button-down shirt, is seated in the foreground, looking at the laptop screen. The image has a blue tint.

3

**Devir humano, trabalho
e educação**



Devir humano, trabalho e educação

Na investigação da Unidade 2, vimos que, com a linguagem, homens e mulheres se relacionam uns com os outros e, nas relações entre si, tanto se diferenciam como se aproximam: se opõem, negociam, acordam significados, sentidos e conceitos.

Por isso, podemos dizer que o devir humano é um devir simbólico, já que é simbolicamente que construímos o conceito do humano e o sentido do que fazemos, humanamente.

Assim, o sentido do trabalho que cada homem e mulher realiza pode ser compreendido de maneiras diferentes, como você pode notar com a atividade realizada no último Pratique.

Agora, vamos investigar o segundo elemento da construção da cultura e do devir humano: o trabalho.

Como o tema do trabalho atravessa vários Cadernos deste curso, o que você começará a pensar aqui poderá continuar a pensar ao longo do curso e da vida.

Lembra que, na Unidade 1, significamos trabalho como uma dimensão ativa da vida humana? Trabalho como atividade de transformação da natureza, em geral, e da própria natureza humana? Nesse sentido, já podemos entender que nos educamos no trabalho também.

Você concorda que, com o trabalho, a natureza é transformada? Veja: a sardinha que nadava livre nos mares, um ser vivo, agora é sardinha enlatada, alimento industrializado para homens e mulheres. O petróleo que estava escondido no subsolo terrestre agora é combustível para o transporte humano. As árvores da floresta que guiavam o indígena em seu caminho agora viraram móveis e casas para homens e mulheres. São inúmeros os exemplos, e todos eles estão ao alcance dos nossos olhos e das nossas mãos; são tangíveis. Homens e mulheres que têm acesso ao alimento industrializado, ao transporte, a casas e a móveis não são os mesmos humanos que aqueles que não os têm. Concorda?

Mas não se engane, pois, com o trabalho, homens e mulheres também transformam as forças materiais em forças simbólicas: linguagens, valores, ideias. O que se faz com os braços também se faz com o pensamento, e vice-versa. Com a diferença de que, com os braços, o trabalho é feito com força física, material, e com o pensamento, usa-se força intelectual, imaterial, para trabalhar. Contudo, não é difícil notar que você pensa quando trabalha fisicamente. Afinal, você não é uma máquina, não é mesmo?

Então, mesmo que o seu trabalho aparentemente exija apenas força física, há nele, também, forças simbólicas e normativas que o controlam. É sobre isso que eu convido você a investigar e a refletir nesta unidade.

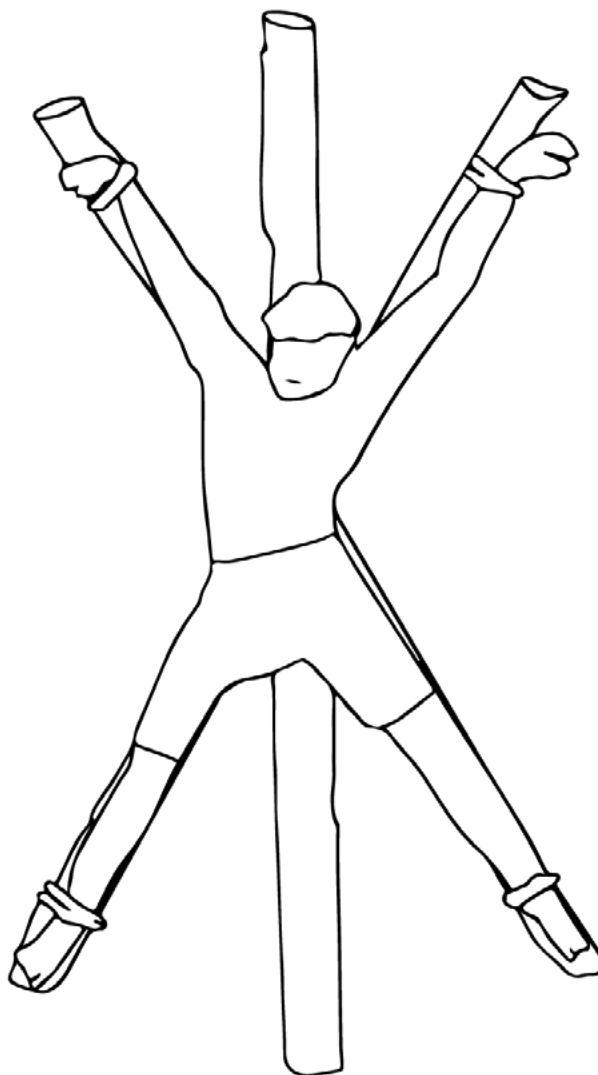
Iniciemos por nos perguntar: o que queremos dizer com a palavra trabalho? Como nos fazemos humanos no trabalho? Por que as condições de trabalho e suas transformações diferenciam, social, cultural e economicamente, homens e mulheres em relação uns aos outros? Será que o trabalho tem alguma coisa a ver com o que somos? O trabalho educa? Aprendemos e ensinamos trabalhando?

3.1 Trabalho: conceito

Comece a buscar respostas às perguntas anteriores, refletindo sobre o sentido do trabalho, pois você já sabe que simbolizar e significar ajuda a tomar consciência e/ou se enganar sobre o que somos e fazemos.

Você já sabe, também, que o sentido é criado por homens e mulheres, portanto, podem ser transformados, esquecidos e recriados. Então, perguntemos: o que significa trabalho? Qual o sentido do trabalho?

A primeira resposta vamos procurar na história do pensamento do mundo ocidental, de origem europeia. A segunda, você vai construir no contexto da investigação teórico-prática que está realizando, isto é, investigando o seu trabalho.



POSSÍVEL APARÊNCIA DE UM TRIPALIUM.

Possível aparência de um tripalium. Fonte: Wikimedia Commons



Vocabulário

Etimologia – É o estudo da origem das palavras. Muitos pensadores buscam na etimologia elementos para entender melhor o significado corrente ou para mostrar como o significado foi transformado pelo movimento histórico.

A origem da palavra trabalho está no substantivo da língua latina *tripalium*, que era usado para nomear um instrumento agrícola formado por três paus pontiagudos, utilizados para bater cereais. Há a hipótese de que o *tripalium* também teria sido usado como instrumento de tortura. A esse substantivo liga-se o verbo *tripaliare*, cujo significado é torturar. Como você pode notar, o significado **etimológico** da palavra "trabalho" tem a ver com sacrifício, dor e sofrimento. Foi com esse significado que a tradição do pensamento ocidental começou a pensar o trabalho.

Entre os antigos gregos, o trabalho era relacionado com a escravidão. A escravidão, na filosofia de **Aristóteles**, por exemplo, funda-se no pensamento de que há homens que, naturalmente, não são livres porque dependem do trabalho para sobreviver e, por isso, não podem desenvolver plenamente a natureza humana: usar a razão, pensar. Assim, só tem direito a pensar aqueles que não dependem do trabalho para viver.

Entre os romanos antigos, o trabalho seria uma espécie de castigo, uma punição para os derrotados nas guerras. Os romanos escravizaram os povos dominados pela força de seus exércitos.

Já entre os cristãos, na Idade Média, entre os séculos IV e XIV, o trabalho foi associado à dor, ao sofrimento e à servidão. Era sacrifício.

No Brasil, temos notícias de que pessoas ainda trabalham em situação semelhante ao **trabalho escravo**, o que é considerado crime.

Dos gregos até o final da Idade Média, o trabalho era símbolo de exclusão social e política; ou, pelo menos, homens e mulheres que dependiam do trabalho não participavam da vida pública nem tinham acesso ao conhecimento teórico.

Como assim "símbolo" de exclusão?

Alguns trabalhavam para produzir as condições materiais de sobrevivência de todos, enquanto outros se dedicavam ao conhecimento, à espiritualidade e ao governo. Segundo essa forma de pensar, homens e mulheres seriam verdadeiros "seres humanos" quanto mais próximos estivessem do mundo espiritual e intelectual. Já homens e mulheres que produzissem apenas as condições materiais de sobrevivência (para si e para a sociedade) estariam mais próximos da animalidade; em outras palavras, seu trabalho era considerado "coisa de bicho".

É que, entre os antigos e medievais, havia a crença, disseminada pelos poderosos, de que a verdadeira vida humana, a vida ideal, estaria na contemplação, que é a vida dedicada ao conhecimento teórico e à virtude moral.

A vida contemplativa é aquela em que você se dedica exclusivamente ao pensamento e às coisas da alma e do espírito, para atingir a perfeição e o encontro com as forças superiores da natureza ou com as divindades.



Atenção

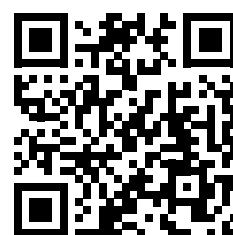
Aristóteles foi um filósofo grego que viveu no século IV a.C.



Saiba Mais

Sobre o trabalho semelhante ao **trabalho escravo**, hoje, assista ao vídeo "Caminhos da Reportagem | À força – a escravidão moderna".

[Assistir vídeo aqui](#)



Contudo, a partir do Renascimento (séculos XV e XVI, na Europa) e com a Modernidade, o trabalho ganha outro significado (e outro valor): passa a ser considerado uma força de criação, como modo de intervenção humana na natureza, para transformá-la e adaptá-la às necessidades humanas.

Segundo Hegel, filósofo alemão no início do século XIX, "foi com o trabalho que o ser humano 'desgrudou' um pouco da natureza e pôde, pela primeira vez, contrapor-se como sujeito ao mundo dos objetos naturais" (Konder, 1991, p. 24). Quer dizer que, diferentemente dos antigos e medievais, os modernos passam a ver a humanização no trabalho e não mais apenas sofrimento e castigo.

TRABALHO PARA OS ANTIGOS E MEDIEVAIS



SÍMBOLO DE EXCLUSÃO: RELAÇÃO COM CASTIGO E ESCRAVIDÃO

TRABALHO PARA OS MODERNOS



VALORIZAÇÃO COMO PRÁTICA SOCIAL

Percepções do trabalho. Fonte: Elaboração própria com adaptações de Freepik.

Esse significado dá outra importância, outro valor ao trabalho, que já não é mais "símbolo de exclusão", mas é o modo como a espécie humana se afirma como tal na natureza. O conceito de humano já não remete mais à pura contemplação da natureza e à realização da virtude moral, mas remete à capacidade de agir e transformar a natureza. Veja que o significado do trabalho torna-se diferente para os modernos em relação aos antigos e aos medievais.

Na Modernidade, então, o trabalho é valorizado como prática sociocultural, pela qual homens e mulheres deixam de se sentir submetidos às forças da natureza e às forças divinas, passando a se sentir donos do seu nariz. Isso significa que, do ponto de vista dos europeus, a espécie humana ganha liberdade para fazer a sua própria história por meio do trabalho. Contudo, esse "homem" de que falavam

era apenas um conceito, uma abstração, uma significação, conforme o que já estudamos sobre cultura e linguagem nas Unidades 1 e 2.

A independência do homem em relação às forças naturais e às forças divinas é o significado moderno do trabalho.

Quando a sociedade de origem europeia se reorganiza com base nesse conceito de trabalho, surge uma nova divisão do trabalho. Agora, baseada no conhecimento científico e técnico, ela separa e hierarquiza, de acordo com a perspectiva de Karl Marx (filósofo alemão, 1818-1883), homens e mulheres em dois grupos: aqueles que conhecem e planejam o trabalho e aqueles que executam o que os primeiros planejam.

Para mim, neste momento, trabalho significará o modo como, diferentemente de outros animais, homens e mulheres podem projetar e produzir os meios para sobreviver e viver melhor. Ou seja, trabalho será a palavra que utilizarei para significar a atividade individual ou a prática sociocultural pela qual homens e mulheres constroem, material e simbolicamente, o mundo humano: cultivando alimentos, criando instrumentos, construindo moradia, sabedoria, normas de comportamento e de convivência, conhecimentos etc. Com essas práticas, homens e mulheres educam uns aos outros e se posicionam no mundo como humanos.

Trabalho, bem entendido, não é o mesmo que emprego. Ter emprego significa ocupar um cargo ou um posto de trabalho socialmente reconhecido. Contudo, mesmo que não tenhamos um emprego, não deixamos de trabalhar, isto é, de produzir as condições materiais e simbólicas de vida, ainda que essas condições sejam apenas individuais ou familiares.

Você pode pensar, então, que toda prática sociocultural é trabalho, na medida em que, por meio dela, homens e mulheres agem em um mundo já construído para transformá-lo em outro mundo com a esperança de uma vida social melhor.



Refleta

Você concordaria com Hegel de que pelo trabalho homens e mulheres se tornam livres em relação às forças da natureza e produzem a sua história com liberdade?

Nas relações de trabalho que você já vivenciou, homens e mulheres são livres para fazer sua história ou estão a serviço de um conceito de humano distante deles?

Anotações

3.2 Trabalho, técnica e tecnologia

Hoje, o mundo não é mais o que foi. Tanto o mundo natural quanto o mundo humano mudaram. Isso porque, além das forças da natureza, a força do trabalho de homens e mulheres atuou para transformá-lo.

Por isso, podemos dizer que, atualmente, para quem pensa nos padrões de origem europeia, só existe o mundo humano, no sentido de que tudo o que existe só tem sentido para o próprio humano. Essa concepção de que tudo o que existe na natureza só tem sentido para o humano podemos chamar de **antropocentrismo**.

Mas isso não se deu só por meio da força física, pois a força intelectual também contribuiu. Homens e mulheres desenvolveram instrumentos e formas de trabalhar e produzir as condições materiais para sobreviver e viver melhor, de tal maneira que mudaram as próprias condições para trabalhar.

O que quero dizer com isso?

Afirmo, assim, que o mundo humano é o mundo da cultura, um produto da simbolização, do regramento e do trabalho de homens e mulheres.

Com a simbolização, homens e mulheres podem registrar experiências, guardar memórias e construir sentidos e conceitos. Com isso, produzem conhecimentos científicos e técnicos que são a base para transformar, intencionalmente, as condições para trabalhar e produzir.

Com o regramento, organizam, hierarquizam e controlam (disciplinam) as relações sociais e as relações de trabalho.

Em outras palavras, a ordem social, não sendo **equitativa**, legitima a desigualdade e a dominação entre homens e mulheres.

Com o trabalho, agem sobre a natureza e sobre si mesmos. Com isso, produzem, material e simbolicamente, suas condições de vida e sua humanidade. Diferentes tipos de trabalho também contribuem com a desigualdade social e com a dominação, à medida que uns são mais valorizados e outros menos, ou até desvalorizados.



Vocabulário

Equitativa – Que se pauta na equidade; que revela senso de justiça.

Assim, podem conhecer, significar, inventar, planejar, organizar e fazer (produzir) o que é necessário para a sobrevivência e para o bem-estar de todos. Quando há dominação, entretanto, quem domina é beneficiado pelo trabalho de outros.



O ambiente de trabalho moderno. Fonte: Freepik

Homens e mulheres precisam de conhecimento para produzir e utilizar o que têm disponível para conservar e transformar a vida humana. Meios de comunicação a distância, como a TV, o telefone, o celular, o rádio, o computador, a internet; equipamentos hospitalares que permitem fazer exames com precisão; equipamentos domésticos como geladeira, fogão, micro-ondas, lava roupas etc., só existem porque homens e mulheres aprendem a produzir e a utilizar o conhecimento e, com isso, aprendem a produzir equipamentos que ajudam a produzir outros conhecimentos e novos equipamentos, cuja finalidade deve ser o bem viver de todos.

A criação e a produção desses equipamentos acontecem graças à técnica e à tecnologia. Mas o que significam a técnica e a tecnologia?

Técnica é um tipo de conhecimento necessário para obter melhores resultados no trabalho, na educação, na economia, na política; enfim, em qualquer tipo de trabalho, sobretudo úteis à produção das condições da vida coletiva. O trabalho feito com conhecimento de técnicas é um trabalho técnico.

Aqui, você poderia se perguntar, com a postura investigativa e crítica que estamos construindo: por que os cursos do Profuncionário são cursos de formação técnica?

Por exemplo, a merendeira domina técnicas de cozimento e possui experiência prática nessa área. Na medida em que registra o que faz e possibilita a reprodução das suas experiências, para que ela mesma ou outras pessoas possam fazer as mesmas ações para obter os mesmos resultados, ela produz um conhecimento técnico: um conhecimento que diz o que alguém deve fazer para preparar uma refeição nutritiva, gostosa e bonita, sem erros ou desperdícios.

Caso a própria merendeira não faça esse registro, profissionais com formação específica realizarão experiências e pesquisas com merendeiras para documentar e sistematizar esses saberes práticos, transformando-os em conhecimentos técnicos.

Já a **tecnologia** significa um conhecimento construído pela investigação sobre as técnicas, isto é, tecnologia seria o estudo das técnicas mais apropriadas (eficientes e eficazes) a serem aplicadas na produção, circulação e comercialização do que foi produzido. Tecnologia significa, ao mesmo tempo, um conhecimento necessário à invenção e à produção de equipamentos que tornem mais eficientes e eficazes a produção das condições de vida da humanidade.



Ilustração de ambiente com dispositivos domésticos integrados à Internet. Fonte: Freepik

Por exemplo, a invenção do fogão à lenha, seguida pelo fogão a gás, depois pelo forno elétrico e, posteriormente, pelo forno micro-ondas. Todos são resultados da evolução tecnológica, em que cada equipamento supera o anterior em termos de agilidade, eficiência e eficácia no cozimento.

Fica claro, assim, por exemplo, que cozinhar em micro-ondas muda as práticas de cozimento e condições materiais do trabalho da merendeira. E muda, da mesma maneira, as refeições e os hábitos alimentares, ou seja, as condições materiais e tecnológicas de cozimento transformam a vida de homens e mulheres, transformam o humano. Os significados e valores alimentares mudam. Muda o mundo humano.

Não é difícil perceber que o trabalho se torna diferente e que o/a trabalhador/a, ao preparar o alimento, também deve mudar no que diz respeito aos conhecimentos e práticas de suas funções de trabalho. Conhecimentos e práticas adquiridos no trabalho que o tornam um ser humano diferente do que era antes.

3.3 Trabalho manual e trabalho intelectual

Se toda prática sociocultural é trabalho e as práticas socioculturais são diferentes, então você pode notar que há diferentes tipos de trabalho e diferentes formas de trabalhar.

Na história do mundo de origem europeia, quando homens e mulheres percebem que pelo trabalho podem garantir a sobrevivência e viver melhor, fazem do trabalho o centro da organização da vida social. Essa organização dividiu o trabalho entre homens e mulheres e sofreu transformações devido à invenção e à produção de novas condições de trabalho, de novas práticas produtivas, cuja origem são as transformações técnicas e tecnológicas do mundo humano, incentivadas, sobretudo, com a industrialização capitalista.



Refleta

A escola onde você trabalha dispõe de equipamentos tecnológicos?

Quais são esses equipamentos e em quais espaços da escola estão localizados?

Você sabe utilizá-los? Como esses equipamentos foram usados nas práticas diárias da escola?

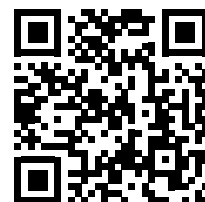
Você fez algum curso para aprender a usá-los?



Saiba Mais

A "História das coisas", documentário produzido em 2007, apresenta alguns dados desatualizados para os dias de hoje.

Contudo, ele permite compreender algumas transformações no mundo humano ao longo do processo de industrialização.



[Assista aqui ao vídeo.](#)



Pratique

Liste e descreva cada um dos tipos de trabalho realizados na escola, procurando identificar se há alguma hierarquia entre eles e com base em que critério essa hierarquia é estabelecida. Atente-se às diferenças entre trabalho manual e trabalho intelectual, caso perceba relações hierárquicas.

O resultado desta atividade teórico-prática é a elaboração de uma lista completa dos trabalhos realizados na escola (aulas, merenda, secretaria, direção etc.), com a descrição de cada um, para que você possa concluir acerca das relações hierárquicas e dos critérios pelos quais a hierarquia se sustenta.

Escrevi, anteriormente, que há diferentes tipos de trabalho e que, na organização social, o trabalho é dividido. A divisão do trabalho gera uma hierarquização na sociedade. Uma das divisões que ocorre é aquela que separa trabalho manual e trabalho intelectual.

Pelas rápidas informações históricas apresentadas na seção sobre o conceito de trabalho, espero que você tenha percebido que **o trabalho desvalorizado, usado para punir, fazer sofrer e excluir, é o trabalho manual**, isto é, aquele que, supostamente, exige apenas força física, sem investimento intelectual de trabalhadores/as.

Essa divisão se baseia na diferenciação entre teoria e prática, que se estabeleceu na organização social desde os gregos antigos, e torna-se ainda mais enfática no mundo moderno, com as transformações na economia a partir da Revolução Industrial, iniciada no século XVIII, e do capitalismo.

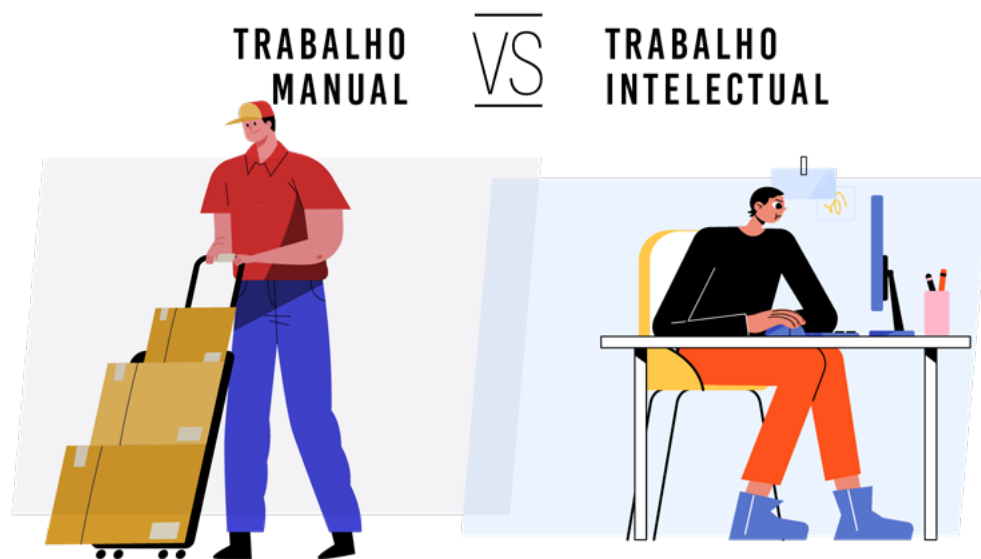
Tal divisão favorece a hierarquização na sociedade, que põe o saber teórico ou trabalho intelectual, ao lado do poder, e o trabalho manual sob domínio e controle do saber. Isso leva a crer que existem pessoas que sabem mais e outras que sabem menos; que existem pessoas cultas e pessoas incultas; que as pessoas cultas



Refleta

A divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual remonta à classificação do conhecimento em teórico e técnico, e este em ação e fabricação, feito por Aristóteles na Antiguidade.

(que sabem mais) são melhores e mais humanas do que as incultas (que sabem menos). Ou seja, há uma significação e valorização do trabalho intelectual em contrapartida à desvalorização do trabalho manual, este subjugado, ficando o trabalho intelectual para quem "sabe mais" e o trabalho manual para quem "sabe menos". Nesse sentido, quem sabe mais manda, tem poder, e quem sabe menos obedece, não tem poder.



Contraste entre trabalho manual e intelectual. Fonte: Freepik



Refleta

Você concorda com o que leu agora? Acredita que algumas pessoas têm mais valor que outras devido ao conhecimento que possuem e ao trabalho que realizam?

Qual é a importância da educação escolar nesse contexto?

3.4 Trabalho, alienação e educação

Com a Revolução Industrial, o conhecimento e os equipamentos técnicos e tecnológicos automatizaram o trabalho, tornando-o mais mecânico, mais automático, mais eficiente, mais produtivo, mais previsível e mais dividido. Os trabalhadores, homens e mulheres de carne e osso, passam a ser funções do trabalho. O trabalho torna-se uma espécie de espaço vazio que o/a trabalhador/a preenche. Quando um/a trabalhador/a está cansado/a, ele/a é dispensado/a e outro/a assume seu lugar, sem que isso faça diferença na produção.

Os/as trabalhadores/as já não trabalham mais naquele sentido de transformar livremente a natureza e a si mesmos para se produzirem como humanos/as. Passam simplesmente a cumprir

uma função cujo fim desconhecem: não têm consciência da finalidade de seu trabalho, senão de que têm de trabalhar para sobreviver. Essa falta de consciência de homens e mulheres no trabalho, em termos simples, pode ser chamada de alienação.

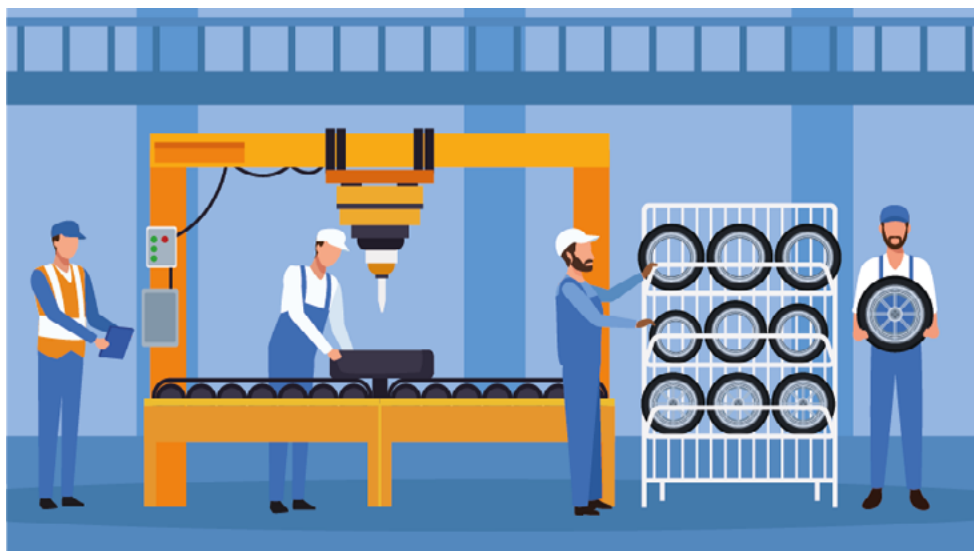


Refleta

Converse com seus/ suas colegas de trabalho, tanto funcionários/as quanto educadores/as.

Reflitam sobre o objetivo do trabalho de vocês na escola: está relacionado apenas a realizar bem as suas tarefas?

Está ligado à educação dos alunos? Existe algum outro objetivo que não esteja diretamente relacionado às suas funções específicas na escola?



Trabalhadores em linha de montagem. Fonte: Freepik

Bem, se o trabalho é uma prática sociocultural e toda prática sociocultural educa, como vimos na Unidade 1, então, ao trabalhar, você está educando, e vice-versa. Você concorda?

No entanto, se ao trabalhar e educar você se esquece que participa do devir humano, então você trabalha de forma alienada. Consequentemente, educa sem saber que educa. Se for assim, esquece a si mesmo no trabalho e na educação que faz e, ao mesmo tempo, esquece da sua humanidade e da humanidade de quem por você é educado.

Decorre dessa situação de alienação que, no trabalho, você é chamado/a de trabalhador/a; ao exercer sua função, é chamado/a de funcionário/a; assim também na escola, crianças, jovens e adultos são chamados de "alunos/as independentemente de seus rostos, de seu coração, de seus desejos etc., pois são vistos/as como funções de uma sociedade cujos interesses dominantes não estão claros ou aparentes.

3.5 Escola, trabalho e cidadania

Nesta seção, vou resumir a Unidade 3, para que você possa investigar as relações do trabalho com a escola e com a cidadania.

Primeiro, significamos o trabalho como prática sociocultural pela qual homens e mulheres transformam o mundo já existente. Vimos que o trabalho é um símbolo central na organização da vida social, pois dele dependem as condições de sobrevivência de homens e mulheres, seja o trabalho manual ou intelectual.

Vimos que as condições de trabalho mudam com as transformações promovidas a partir do desenvolvimento de conhecimentos técnicos e tecnológicos e que, em decorrência disso e de outros fatores, trabalho e trabalhadores/as ficam alienados/as em relação às finalidades da ação de trabalho, que é a construção do humano na sua humanidade.

Vimos que, em qualquer tipo de trabalho, homens e mulheres se transformam e educam a si mesmos e aos outros, tornando-se humanos. Contudo, se o trabalho é realizado em um espaço especificamente criado para educar, como a escola, é preciso ter claro para onde vai a educação realizada na escola como um todo e no seu espaço específico de trabalho: na secretaria, no refeitório, nos laboratórios, na biblioteca, no pátio, no banheiro etc.

Chamo a sua atenção, novamente, ao fato de que, na escola, assim como em qualquer espaço social, você está sempre educando. Sabendo disso, pode agir como profissional, como cidadão e como humano, tendo consciência "do que faz" e "para que faz". Isto é, precisa decidir que educação oferecer aos/às alunos/as da escola em que trabalha, junto com todos que estão envolvidos nessa educação: funcionários/as, professores/as, gestores/as, responsáveis, alunos/as.

Afinal, a educação é um direito de cidadania.



Pratique



Atividade focada em alimentação escolar. Fonte: Freepik

Convide alunos e alunas para passar meia hora junto com você no seu espaço de trabalho (na cozinha, no pátio, no banheiro, na secretaria, no laboratório) e procure explicar a eles o que você faz, por que e para quem está fazendo. Conte a eles qual é a relação e a importância do seu trabalho na educação escolar. E, é claro, deixe-os perguntar e dizer o que pensam. Depois, relate a experiência por escrito ou oralmente; compare-a com os resultados do último Pratique da Unidade 2, sobre o significado do seu trabalho para professores/as, gestores/as e funcionários/as da escola.

Com esta atividade, você poderá aproveitar os resultados do último Pratique da Unidade 2 para construir, junto com os alunos, um sentido educativo para o seu trabalho na escola. A ideia é que, depois de ter conversado com professores/as, gestores/as e funcionários/as, você possa tomar consciência de como o trabalho é significado na comunidade escolar e qual o sentido dele na construção da humanidade de homens e mulheres. É um exercício de narração, de observação, de descrição e de diálogo, que deve ter como resultado uma dissertação, na qual você deve resumir os principais pontos da conversa com

os alunos, seguida de uma comparação com o significado educativo do seu trabalho construído na Unidade 2, para ver se houve alguma evolução que possa orientar transformações práticas na sua rotina. Se preferir, elabore uma tabela comparando os significados.

Resumo

Para esta unidade, o importante era pensar um pouco sobre as relações entre trabalho, educação e escola. Nos estudos, você deve ter compreendido que o trabalho é essencial para a produção do mundo humano, pois é trabalhando que homens e mulheres o constroem e o transformam, e que, com o trabalho, nos educamos e educamos os outros, com ou sem consciência de que o estamos fazendo. Deve ter se dado conta de que um/a educador/a profissional não pode estar alienado/a quanto ao aspecto educativo de suas atividades de trabalho e que, se é pelo trabalho que homens e mulheres transformam as condições de vida, é pela educação que as novas gerações aprendem a viver nessas novas condições e aprendem, também, a criar novas condições. Por isso, é importante que a escola e o trabalho escolar possam acompanhar os avanços tecnológicos da humanidade.

Indicações de Leituras e Filmes

Leituras

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1981

Filmes

ELES não usam black-tie. Produção de Leon Hirszman. Brasil: Embrafilme, 1981. 1 disco blu-ray (120 min).

TEMPOS modernos. Produção de Charles Chaplin. Estados Unidos: Charlie Chaplin Productions, 1936. 1 disco blu-ray (87 min).

Anotações

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



4

**Devir humano, valores e
educação**



Devir humano, valores e educação

Nossa investigação evoluiu bem nas três primeiras unidades?

Primeiro, investigamos o devir humano, o processo de transformação sócio-histórico-cultural de homens e mulheres, que tem uma dimensão simbólica e uma dimensão material intrinsecamente ligadas, ou seja, homens e mulheres simbolizam-se e materializam-se humanos na linguagem e no trabalho.

Nesta Unidade, tematizaremos e problematizaremos os valores. Nossa investigação passará pela reflexão sobre o conceito e os tipos de valores; como os valores afetam a vida social no seu dia a dia; o porquê de os valores serem tão importantes na educação em geral e na educação escolar. A investigação passará pela reflexão sobre o "humano" como um valor, que orienta tanto as escolhas que fazemos na nossa vida quanto o caminho da educação escolar.

A questão de partida é: como nos fazemos humanos nas e pelas práticas valorativas?

Valores? Vem cá, que valor tem a vida humana? Quanto custa? Dá para comprar? Dá para trocar? É possível vender? Quanto pagamos pela vida humana?



Valores além da visão de mercado. Fonte: Freepik

Calma aí! Essas perguntas se referem a apenas um tipo de valor, que é o valor de mercado, isto é, o preço estipulado na troca de uma mercadoria por dinheiro. Atualmente, o valor de mercado tem uma forte influência na organização do mundo humano, a ponto de que, quando se fala em valor, logo se pensa no valor em dinheiro.

Mencionei o valor de mercado antes apenas para chamar sua atenção de que a educação, elemento central no devir humano, tem sido valorizada como mercadoria de uns tempos para cá. Mercadoria cara! Não é para qualquer um, não!

Já com a sua postura crítica e investigativa, imagino que você esteja a se perguntar: e quem não puder pagar o valor de mercado pela educação, como fica se quiser viver humanamente?

E eu respondo: para essa cultura que valoriza tudo como mercadoria, quem não puder pagar fica de fora, fica excluído! Simples, não?

É claro que não é assim tão simples, pois a educação e a vida humana têm valores diferentes do valor de mercado. São valores pelos quais você não paga em dinheiro, mas com o próprio modo de viver: são valores estéticos, éticos e políticos.

Você quer saber qual desses valores é mais caro? Será o do mercado ou serão os outros?

Bem, essa é uma pergunta cuja resposta você pode construir. Para isso, precisa pôr todos os valores na ponta do pensamento e comparar uns com os outros.

O que você quer saber? Quer saber o que é que estou dizendo quando escrevo sobre valores?

É só continuar com a leitura, então!

4.1 Valor: conceito

Quando escrevo sobre valores, refiro-me àquelas referências simbólicas pelas quais você dá ou não importância às coisas, às pessoas, às ideias, às ações e aos acontecimentos. Dá importância

ou não ao que faz e pensa. Dá importância ou não ao que diz. Dá importância ou não ao seu trabalho.

Os valores não deixam que você fique indiferente, imparcial ou neutro ao mundo e aos outros.

Com base nos valores, é que você diz: "A educação é cara!", "Aquela pintura é feia!", "Fulano é honesto!", "Isso que você fez foi uma injustiça comigo!"

Com os valores, você faz escolhas, toma decisões, expressa suas preferências. Claro que os valores estão diretamente relacionados com a educação, com a cultura, com o devir humano.

Dar importância ou não é o mesmo que valorar ou atribuir valor a alguma coisa, a alguma pessoa, a alguma ideia, a algum tipo de trabalho.

Assumindo uma posição sobre aquilo que valora, diante de outras posições possíveis, você disputa, negocia e constrói a cultura e o mundo; aponta uma direção ao devir humano, à educação.

Os valores são construídos socioculturalmente, e você participa da construção e da transformação deles, aceitando ou não aceitando os valores ensinados a você.

Sendo construídos socialmente, os valores não estão nas pessoas, nas coisas, nas ideias, nas atividades e nos acontecimentos, tampouco em quem os valora. Os valores resultam de juízos (valorações, avaliações) que homens e mulheres fazem, tendo em conta a relação que estabelecem com outros homens e mulheres, com as coisas, com os acontecimentos, com os conhecimentos etc., aceitando-os ou rejeitando-os, dando mais ou menos importância, defendendo-os ou atacando-os, mas jamais ficando neutros.

Por exemplo, você pode valorar o trabalho dizendo que "trabalho é liberdade, por isso é bom!", ou dizendo que "trabalho é sacrifício, por isso é ruim".

Ao mesmo tempo, como você nasceu em um mundo cheio de significados e valores criados por seus antepassados, aprendeu com eles a valorar (atribuir valor, avaliar, apreciar) afirmativamente certos comportamentos individuais, certas práticas sociais, certos costumes (gosta, acha importantes, entende que são corretos),





Refleta

Aqui, você pode parar por um momento e refletir:

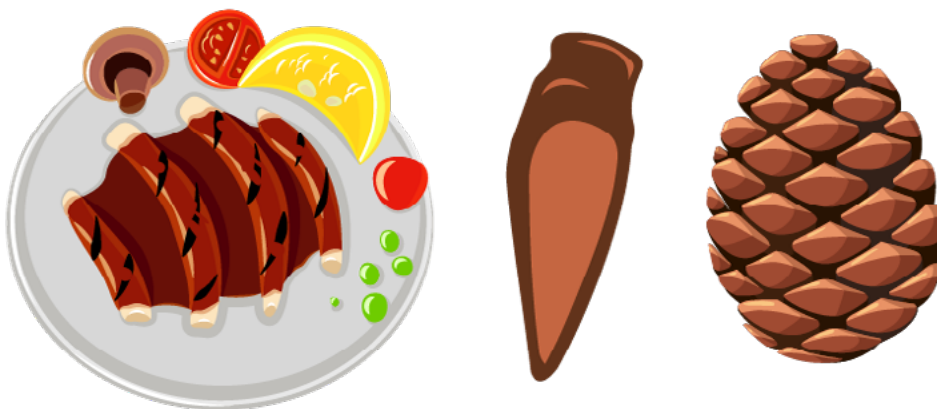
a formação profissional de trabalhadores/as é **socioculturalmente importante** hoje?

e outros a valorar negativamente (não gosta, acha que não são importantes, que são errados).

Não é difícil de entender isso, é? Em todo o caso, veja um exemplo do seu dia a dia: a alimentação.

Você sabe bem que no Brasil há uma enorme variação geográfica (clima, vegetação, solo etc.). Essa variação oferece diferentes repertórios alimentares (frutas, carnes, refeições, temperos etc.) nas diferentes regiões, do Rio Grande do Sul ao Amapá. Assim, homens e mulheres aprendem a gostar de comer certas coisas, enquanto outros aprendem a gostar de comer outras coisas.

Se me perguntarem, por exemplo, se um churrasco de costela bovina é mais ou menos gostoso do que carne de bode assada (veja que são dois pratos semelhantes), eu não terei dúvida em dizer que o churrasco de carne bovina é mais gostoso. E você, dirá o mesmo? E entre pinhão (semente do pinheiro-do-paraná ou araucária, árvore de floresta de clima frio) e pinha (fruto da pinheira, semelhante à fruta-do-conde, típica das regiões de clima quente), o que você prefere?



Expressando juízo de valor sobre comidas. Fonte: Freepik

É diferente dizer, por exemplo, "o pinhão é marrom e a pinha é verde" do que dizer que "o pinhão é mais gostoso do que a pinha", não é? A segunda expressão é tipicamente um juízo de valor. Na comparação, eu afirmo que o pinhão é melhor do que a pinha. E você poderá dizer que a pinha é melhor do que o pinhão. Claro que podemos dizer que ambos são diferentemente bons ou diferentemente ruins.



Refleta

Você, certamente, diz que algumas coisas são belas.

Escolha uma e reflita: é bela porque tem beleza ou porque você a sente bela?

Ou será que é bela porque todo mundo a julga assim?

Ao contrário, ao falarmos sobre a cor da semente e da fruta, não podemos tomar posição, pois temos de concordar que uma é marrom e a outra verde, pois não se trata de um juízo de valor, mas de um juízo descritivo. Ou seja, não estamos falando da nossa relação com a coisa, mas como a coisa é.

As preferências alimentares são bons exemplos para entender como alguém valora, aprecia, avalia: os alimentos têm sabores, mas alguém só diz se são mais ou menos gostosos conforme o que sente ao comê-los, conforme o paladar, conforme o gosto que aprendeu a ter com os hábitos alimentares da sua cultura.

Entretanto, os valores não expressam apenas o que sentimos individualmente na relação com coisas, objetos, alimentos, pessoas, conhecimentos, costumes etc.

Com os valores, expressamos o modo como sentimos o mundo (valores estéticos), o modo como entendemos que devam ser as relações sociais (valores morais), bem como nossas posições em relação à vida pública (valores políticos), como ficará mais claro na nossa investigação.

4.2 Valoração estética



Refleta

Outro nome que se dá aos salões de beleza, de uns tempos para cá, é o de estética. Você já notou?

E você consegue fazer alguma relação entre "salão de beleza" e "estética"?

Entre ter uma aparência mais agradável e valor estético?

Você, talvez, já tenha passado em frente a um salão de beleza. Talvez até já tenha entrado em um deles para fazer algum tipo de transformação (ainda que temporária) no corpo: cortar o cabelo, fazer um penteado, arrumar as unhas, uma maquiagem ou aparar a barba. Quando fez isso, o que esperava? Suponho que esperava mudar a aparência para uma mais agradável, mais bela, mais interessante. Mas tudo isso aos olhos de quem? Como sabe se ficaria mais bela ou belo, interessante e agradável?

Essa reflexão não foi difícil, pois a estética, em filosofia, diz respeito à reflexão sobre a sensibilidade de homens e mulheres em relação à natureza, às coisas, às outras pessoas, às ideias; como tudo o que sentimos nos toca, nos afeta.

Para expressar o que sente, você se vale de diversas possibilidades: da fala, da escrita, dos gestos, do desenho, da música, do artesanato, da dobradura, da aparência do corpo. Enfim, utiliza uma linguagem,

como viu na Unidade 2, para fazer metáforas e transformar sentimentos em signos que possam comunicar aos outros como se sente e como sente as coisas, as pessoas, os acontecimentos, a vida social etc.

A prática sociocultural cuja finalidade é afetar a sensibilidade humana, as emoções e os sentimentos é a arte.



A arte e a valoração estética. Fonte: Freepik

Por ser uma prática sociocultural, a arte é um elemento importantíssimo na educação, pois provoca homens e mulheres a se disponibilizarem, a se abrirem à sensibilidade, permitindo que sintam as experiências cotidianas, inclusive no trabalho e na vida como um todo.

Mas, quanto aos valores estéticos? Quando é que você valora esteticamente o mundo?



Saiba Mais

Sobre o conceito de **estética**, confira os vídeos disponíveis:



[Acesse aqui.](#)



[Acesse aqui.](#)



Atenção

Se você reparar, até pouco tempo atrás, o padrão de aparência e de beleza no mercado eram os modelos humanos: magros, altos, sorridentes e brancos.

É como se fossem a perfeição e agradassem a todos. Daí, sonhávamos em ser como eles.

Reconhecemos esse modelo nas telenovelas e no cinema, em que esse padrão fazia o papel de bonzinhos.

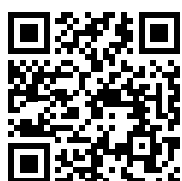
Com as disputas e negociações socioculturais relativas à identidade, isso vem mudando.

Já não temos um padrão único no que toca à etnia e à raça, por exemplo.



Saiba Mais

Veja mais sobre a **Cultura Hip Hop** no QR Code abaixo.



Acesse aqui.

Valora esteticamente quando diz se alguma coisa é bela ou feia, se é agradável ou desagradável, se causa prazer ou dor, se é de rir ou de chorar, por exemplo. Quando diz isso, está atribuindo valor estético.

Até aí tudo bem. Todos têm liberdade para expressar e valorar a expressão de outros. O problema é quando, em um mundo em que diferentes culturas se encontram, você percebe certos padrões de aparência e de beleza que não são os da cultura em que vive. Não são aqueles padrões criados na sua cultura e que, muitas vezes, sequer lhe são possíveis. Mesmo assim, esses padrões entram e passam a fazer parte da sua vida como se fossem naturais e válidos para sua gente. Apoderam-se das suas significações e colocam em xeque os padrões estéticos da sua cultura.

Quando a **cultura Hip Hop** passa a ser apreciada e experimentada por crianças e jovens, o que você sente? O que sente quando vê crianças e jovens escutando, cantando e dançando RAP na escola? Então, o que pode acontecer nessa situação em que valores que não são os seus entram na sua vida?

Ao longo da minha escrita, insisto na importância de você se colocar e se posicionar em relação a outros, mas também para outros, com outros.

Quando outros colocam seus valores em xeque, colocam você em uma situação crítica, cuja consequência não é nem supervalorização dos padrões deles nem a sua autodesvalorização em relação a eles. Ou seja, assumindo uma postura crítica, o que pode acontecer são transformações na sua cultura e na dos outros. Você pode receber a imagem de outra pessoa sem que precise desvalorizar a sua própria e, assim, pode transformar sua sensibilidade e seus valores estéticos. Sobre a cultura Hip Hop, citada anteriormente, você precisa se posicionar em relação a essa cultura e em relação às crianças e jovens que a vivem.

Na escola, isso é importantíssimo: possibilitar que homens e mulheres expressem e troquem seus sentimentos, sua imaginação, suas intuições, seus gostos e seus valores. Pois, assim, todos podem desenvolver a criatividade e alternativas diferentes de produzir sua própria imagem, além de participar da desconstrução e reconstrução da própria cultura a partir da escola.

4.3 Valoração ética

Homens e mulheres são educados nas relações e nas práticas sociais. Para que as relações se mantenham e se transformem, cada uma delas precisa corresponder às expectativas dos outros.

No esforço de corresponder às expectativas, homens e mulheres seguem normas e respeitam valores que orientam o padrão de comportamento que constitui a vida social.



A valoração ética. Fonte: Freepik

O conjunto de normas e valores que orienta o comportamento correto para a vida social é chamado de moral, e a reflexão filosófica sobre a **moral** é chamada de **ética**. Ou seja, pela valoração moral, você diz se alguém age correta ou incorretamente do ponto de vista da boa convivência. Com reflexão ética, você diz se os padrões de comportamento moral de uma sociedade ou de um grupo social são adequados à vida humana.

Homens e mulheres aprendem a agir moralmente pela educação em sentido amplo, ou seja, em todos os espaços sociais, inclusive na escola.

Homens e mulheres aprendem a refletir sobre a moral também pela educação, porém apenas naqueles momentos em que são provocados a isso, por experiências vivenciadas ou pela mediação do saber filosófico e científico que aprendem na escola.

Nas relações sociais, quando você é obrigado a se comportar de determinada maneira ("Tenha modos!", dizem os pais aos filhos e filhas), conforme normas e valores com os quais não concorda ou cuja construção não participou, pode-se dizer que não é você que decide como se comportar, pois seu comportamento obedece, ingenuamente, a determinações de outros da sociedade.



Refleta

Pergunte-se: o que me agrada e me provoca maior emoção? Alguma coisa engraçada ou alguma coisa triste?

Procure com um/a professor/a de literatura da escola, ou na biblioteca da escola ou na biblioteca municipal, dois textos literários: um engraçado (comédia) e outro dramático (tragédia).

Faça a reflexão sobre a pergunta com base na leitura e no seu sentimento em relação aos textos.

Aprecie a escrita dos/as autores/as; se são textos que dão prazer na leitura ou se são textos chatos de ler.

Chamamos esse comportamento determinado por outros de heterônomo: você obedece a normas e valores morais definidos independentemente de sua vontade e de sua consciência.

Ao contrário, quando você decide como deve se comportar, aceitando as regras de convivência e participando da sua construção, você pode dizer que é autônomo: obedece a regras construídas por você mesmo, junto com outros; logo, obedece sua própria vontade e consciência, ou, pelo menos, obedece a normas e valores construídos coletivamente. Mas, bem entendido, ser autônomo não significa agir sem considerar nossas relações com outras pessoas.

A autonomia é relativa à cultura do grupo. Por exemplo: se você participou da construção do Projeto político-pedagógico (PPP) da escola, que orienta para uma educação crítica e participativa, será autônomo para planejar e realizar seu trabalho coerentemente com os princípios e diretrizes do documento comum a todos os profissionais que trabalham na escola.

Mas você não será autônomo planejando e realizando seu trabalho sem considerar os princípios e diretrizes do PPP, pois, agindo dessa forma, poderá, de alguma maneira, colocar em xeque a construção coletiva.

No que escrevi antes, você encontra dois princípios éticos que ajudam a decidir sobre os comportamentos e ações: heteronomia e autonomia. O que é melhor para a vida social e para o seu trabalho?

As funções que você exerce no dia a dia são orientadas por normas e valores morais, assim como por princípios éticos, embora provavelmente você não se dê conta disso. Essas normas e valores, contudo, não são impostas, pois surgem das relações e são aceitas ou rejeitadas por homens e mulheres de acordo com sua validade para o convívio, isto é, conforme a **consciência moral**: são bons ou são maus para o convívio.

Assim, costumeiramente, chama-se moral o conjunto de regras e valores sociais que organiza e orienta o comportamento e a ação dos indivíduos nas relações sociais. Entre muitos valores morais, você tem: a amizade, a responsabilidade, a autonomia, o respeito, a honestidade, a solidariedade, a competitividade, o sucesso, a fama, por exemplo. Com base nos valores, você pode dizer se o comportamento de alguém faz bem ou faz mal para o convívio social e se esse comportamento deve ser conservado ou transformado. A ética, como reflexão e atitude críticas sobre as



Refleta

Você já viu que a escola é um espaço de relações e práticas sociais. Nas práticas que se realizam no espaço escolar, é necessário considerar a existência de regras.

Quais são as regras consideradas mais importantes na escola em que você trabalha?

São aquelas que estão firmadas em documentos, como o regimento e o PPP, ou são as da prática cotidiana, que não estão escritas em documento algum?

questões morais, é muito importante na educação, no devir humano, pois ela problematiza e nos leva a refletir sobre a vida social, sobre os valores morais e sobre a validade de comportamentos individuais em relação à vida coletiva.

4.4 Valoração política

Ao olhar homens e mulheres sob um ponto de vista político, podemos enxergar cidadãos e cidadãs, ou seja, indivíduos que compartilham um território e vivem nele organizados e governados por leis que definem seus deveres e lhes garantem direitos, independentemente das diferenças culturais. Tal conceito de cidadania está diretamente relacionado com o chamado Estado Democrático de Direito, conforme o art. 1º da Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988:

"A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito".



A valoração política. Fonte: Freepik

Ser cidadão, nesse sentido, significa igualdade de direitos. Como cidadão, você participa de um Estado que, além do território e das leis, é constituído por um conjunto de instituições de poder que legislam (Poder Legislativo), fazem cumprir a legislação (Poder Judiciário) e implementam um programa de políticas públicas para efetivar e ampliar os direitos de todos (Poder Executivo).



Vocabulário

Consciência moral - Diz respeito a reconhecer as normas e os valores que orientam o comportamento, para que se possa decidir sobre sua validade no convívio com os outros e na vida social.

Essa consciência ajuda a diferenciar o comportamento correto do incorreto. A consciência moral é tanto mais forte quanto mais desenvolvemos a reflexão ética.



Saiba Mais

Para complementar esses conceitos de **Programa de Políticas Públicas** e as relações entre eles, você pode consultar essas duas fontes:



Atenção

Não podemos confundir Governo e Estado. Como disse, o Estado é um conjunto de instituições de poder. O governo é um grupo social organizado em um partido ou federação de partidos, ou coalização de partidos políticos, que ocupa o comando do Estado com um programa de políticas públicas que deveria promover e cuidar do bem público, proteger e garantir os direitos de todos os cidadãos.

Programa de políticas públicas cuja construção você tem direito a participar, por ser público e por supor que seja construído democraticamente.

Para que esses conceitos fiquem mais claros na nossa investigação, lembre-se ou volte às Unidades 1 e 2 do Caderno de Orientações Gerais, onde você encontra a narrativa histórica da construção do Profuncionário, que é um programa da política pública da educação nacional. Lá, você viu que a formação profissional de funcionários e funcionárias da educação resulta do exercício da cidadania dos trabalhadores em educação que, coletivamente organizados, conquistaram esse direito.

Como cidadão ou cidadã, você tem direitos e, em relação a esses direitos, é igual a todos os homens e mulheres que pertencem e participam do mesmo Estado. Aqui, você encontra um valor fundamental para valorar a dimensão política do devir humano: a igualdade de direitos, a democracia.

A igualdade de direitos, a cidadania, contudo, deve contribuir para o devir humano, mais do que prejudicá-lo. Digo isso porque muitas ações praticadas por você e por outras pessoas perdem o sentido ao atribuírem ao Estado e ao Direito uma existência independente do devir humano.

É como se ser cidadão ou cidadã fosse mais importante do que ser humano. Um exemplo disso é quando você pensa que o Estado deve garantir todas as condições para a boa educação na escola pública, esquecendo que é corresponsável, como cidadão/ã e como pessoa, pela educação. Então, se um governo faz descaso com as escolas, por que é que você iria se ocupar com ela, afinal?

Ora, se um governo faz descaso com as escolas públicas, que existem para garantir o direito à educação de todos os cidadãos, você tem o dever de cobrar políticas de valorização da escola e dos profissionais que nela trabalham.

Como já vimos, desde a Unidade 1, o mundo humano é criado e produzido socioculturalmente e historicamente. Logo, o Estado e os direitos (o Estado de Direito) também foram inventados como forma de organizar a vida social e não existem sem os cidadãos. O Estado, o poder e os direitos são elementos do devir humano apenas porque foram inventados e podem ser transformados por homens e mulheres politicamente organizados.

O Estado, por isso, não pode ser considerado como algo alheio e privado em relação à cidadania. Uma visão como essa, podemos dizer, seria uma visão alienada, naquele sentido que investigamos na Unidade 3. O Estado (território, leis e instituições de poder) é público, assim como tudo o que está sob sua guarda. Sendo público, pertence a todos os cidadãos. Então, cada cidadão tem responsabilidade para cuidar, conservar e transformar as coisas públicas e o próprio Estado, para melhorar a vida humana. As coisas públicas devem ser socialmente controladas por quem de direito elas devem atender: cidadãs e cidadãos, humanas e humanos.

Participar da vida pública, sentir-se bem nela, ter motivos para estar nela, diz respeito à **cidadania**. A palavra cidadania, embora quase sem significado depois de tantas significações empregadas desde o final do século XVIII europeu, ainda ocupa lugar no que os governos pretendem para a educação escolar por meio das políticas públicas para a educação. Sobretudo na escola pública, mantida pelo Estado e pela qual você e eu, todos os cidadãos, são corresponsáveis. Nesse sentido, participar significa assumir responsabilidade e compromisso com aquilo que pertence a você e aos outros: as coisas públicas.

A educação escolar não é uma caridade do Estado, mas um direito de cidadãos e cidadãs, dos que são corresponsáveis pelo que o Estado faz. É importante ressaltar que digo Estado, mas não digo governo. Muito embora seja preciso admitir que, se um governo implementa políticas públicas contrárias ao bem-estar coletivo, ou ele exclui homens e mulheres da cidadania, ou estes devem excluí-lo do comando do Estado.

Exclusão e inclusão política, social e cultural são valores muito presentes nas discussões e estudos políticos atualmente. Por isso, é interessante que você leve em consideração, em seus juízos críticos sobre as políticas públicas, esses dois valores (exclusão e inclusão): qual é a melhor política educacional? A que exclui ou a que inclui cidadãos e cidadãs na vida pública?



Vocabulário

Cidadania – É a palavra utilizada para dar significado à condição de ser cidadão: aquele que participa da vida pública e do Estado e, portanto, compartilha direitos e deveres.



Pratique

Você sabe o que é política de educação inclusiva? Procure se informar na sua escola com a direção, colegas, funcionários/as e professores/as. Depois, procure saber, observando as práticas educativas, como e em que condições essas políticas acontecem na escola. E não se esqueça de anotar suas observações e reflexões, considerando a sua participação nessas práticas.

Nesta atividade, será importante que você possa compreender o que é política de educação inclusiva. Para isso, converse com colegas da escola e pesquise em outras fontes. Tão importante quanto saber o que é a educação inclusiva é saber se na escola em que você trabalha existe uma política de educação inclusiva e quais são os valores (estéticos, éticos e políticos) que a orientam. É um exercício de entrevista, observação e descrição da realidade escolar quanto a este tema específico.

Agora você pode pensar, portanto, que cidadania, participação, democracia, igualdade de direitos, inclusão e exclusão são valores que não podem ser dispensados na avaliação da vida pública, a dimensão política do devir humano. Esses valores são critérios com os quais você pode fazer escolhas e tomar decisões sobre as políticas de educação, à medida em que entende que participa da sua construção e/ou execução na escola.

Anotações



4.5 Escola, valores e cidadania

Espero que o que você leu, investigou e pensou nas seções anteriores desta unidade possa ter ajudado a significar como as práticas valorativas nos orientam sobre a direção do devir humano.

Presumo que tenha percebido que valoramos coisas, pessoas e funções de trabalho com base em diversos valores econômicos, estéticos, morais, políticos, entre outros. E todos esses valores estão presentes ao mesmo tempo na educação, na escola e em tudo o que homens e mulheres fazem no processo do devir humano.

Por outro lado, há cultura(s) e política(s) que têm forçado a barra para que a educação seja valorada como mercadoria e, com isso, teremos de pagar tal educação com a dignidade humana. Mas o preço a pagar é um preço que você precisa decidir e que poderá ou não ser calculado em dinheiro.

Como você tem visto desde a primeira unidade deste Caderno, a educação pode acontecer independentemente das intenções de educar. No entanto, também viu que quando se deu a criação da escola, a educação se tornou intencional, como prática social. Com a criação da escola pública e com o acesso à escola pelos/as trabalhadores/as, a partir dos anos 1950, no Brasil, a educação tornou-se um direito para que todos possam participar da vida pública e ter acesso aos direitos de cidadania.



A escola como espaço de cidadania. Fonte: Freepik



Refleta

O direito à educação, como condição de acesso a outros direitos sociais, contudo, parece ser ambíguo, pois a educação escolar com vistas à cidadania e ao trabalho coloca um dilema a ser significado e valorado para que você possa escolher e decidir sobre como se posicionar: a educação, afinal, vale como mercadoria ou como direito?

O sentido e o valor da educação escolar têm a ver com o projeto de vida social que você imagina, sonha e espera alcançar. Para alcançá-lo, tem de fazer escolhas e decidir sobre o que precisa e o que é mais importante para viver essa vida sonhada junto com outras pessoas.

Com base em valores, você faz escolhas, diz o que é mais ou menos importante e decide sobre pelo que vale ou não vale a pena lutar na vida.

Sejam significações, costumes, regramentos, padrões de comportamento, todos terão sua importância colocada em jogo na escola e em todos os espaços educativos onde se valoriza a educação. E esta, por sua vez, leva homens e mulheres a aprenderem valores que dão diferentes sentidos à humanidade e orientam de maneiras diferentes e até contrárias o devir humano.

A pergunta fundamental a ser feita, neste contexto, é a seguinte: que humanidade planejamos e oferecemos às meninas e aos meninos que frequentam a escola em que trabalhamos?



Pratique

Com base no que investigou até aqui acerca do devir humano, você entende que o trabalho e a cidadania são os principais valores para escolher uma educação escolar possível e desejável? Ser cidadão e ser trabalhador é o mesmo que ser humano? Como você poderia contribuir para construir na escola uma educação orientada para o trabalho, para a cidadania e para a humanidade de homens e mulheres? Não deixe de considerar o que investigamos sobre o trabalho e a cidadania!

Esta atividade quer provocar a reflexão sobre o valor do seu trabalho na escola e sobre os valores fundamentais que podem orientar a educação escolar. É importante que você desenvolva essa reflexão com base nos conceitos estudados ao longo do Caderno. O resultado da atividade deve ser uma redação em que você explicita os conceitos

de trabalho e de cidadania, bem como o de devir humano, e, com base neles, avalie ou valore as relações entre trabalho, cidadania e humanidade como fins da educação básica. Na avaliação, considere os aspectos estéticos, éticos e políticos da educação.

Resumo

Esta unidade ocupou nossa investigação com a reflexão sobre o sentido dos valores no devir humano. Vimos que existem diversos tipos de valores relativos a diferentes aspectos da vida, como os estéticos – relacionados com a sensibilidade –, os morais – relacionados com a conduta de homens e mulheres na vida social – e os políticos – relacionados ao poder e ao modo como são exercidos na sociedade. Todos esses aspectos são importantíssimos e estão presentes no processo educativo escolar. Contudo, como os valores são construções socioculturais, é preciso saber escolher quais valores devem e podem ser ensinados na escola. Escolha que está diretamente relacionada com o sentido que construímos para o devir humano, para nós mesmos e para as novas gerações. Os valores também são objeto de disputa, de negociação e de acordo entre grupos sociais e mesmo entre indivíduos, inclusive na própria escola.

Anotações



5

**Devir humano, escola e
educação**



Devir humano, escola e educação

Você já deve ter entendido que não nascemos humanos, mas que aprendemos a viver como humanos ao longo da vida, dialogando, trabalhando e valorando o que aprendemos e construímos junto com outras pessoas, em relações mediadas por instituições, entre as quais a escola, que existe para educar.

Assim como nos fazemos humanos, nos fazemos trabalhadores, profissionais ou não, e cidadãos.

Chegando à última unidade do Caderno, cabe investigarmos e refletirmos sobre o sentido e o valor da educação escolar e do seu trabalho na escola, em relação à construção da humanidade de homens e mulheres.

Neste momento, nos orientamos na investigação com a seguinte problematização: por que a educação escolar (formal) é e deve ser diferente da educação fora da escola (informal)? Na escola, fazemos educação informal? Como o currículo escolar é composto? Quem são os sujeitos da educação escolar e para que são educados?

Bem, sabendo que homens e mulheres se educam dentro e fora da escola, não é difícil entender que levam para dentro o que aprendem fora e levam para fora o que aprendem dentro. O que nos leva a pensar que aprendem na escola com as condições que trazem de fora, e vice-versa. Não é fácil e não há motivo para distinguir o dentro e o fora da escola no devir humano.



NO TRABALHO



EM CASA

A educação ocorre dentro e fora da escola. Fonte: Freepik

Sendo assim, você não pode tratar homens e mulheres e ser tratado ora como sujeito escolar (professores/as, diretores/as, funcionários/as, estudantes, responsáveis) ora como sujeito não escolar (cidadãos/ãs, trabalhadores/as, consumidores/as, contribuintes, fiéis etc.), uma vez que o conceito de humano compreende toda essa fragmentação, ou seja, não deixamos de nos tornar humanos quando somos trabalhadores/as ou contribuintes, por exemplo.

O que entra em jogo, então, para pensar a educação escolar, diz respeito à vida de homens e mulheres na sua integridade.

A educação escolar, contudo, se define por todas as vivências e experiências sistematicamente planejadas, visando ao ensino e à aprendizagem de elementos culturais selecionados e socialmente valorados como relevantes para que homens e mulheres possam vir a atender às expectativas sociais: a escola prepara para o trabalho e para o exercício da cidadania, fundamentalmente.

Mas, dependendo das condições em que são planejadas as vivências e experiências educativas, a escola pode educar futuros desempregados, excluídos, discriminados, por exemplo. Enfim, a escola pode acabar por educar o desumano, o inumano. Nesse sentido, na escola, não se pode experimentar qualquer coisa, de qualquer maneira, para quaisquer finalidades.



Pratique

Tome um grupo de 5 alunos e alunas da escola em que você trabalha. Pergunte a eles sobre suas aspirações e desejos para o futuro, isto é, pergunte "o que querem ser quando crescerem".

Analise com eles se o que desejam para a própria vida tem a ver com o que experimentam e aprendem na escola ou se tem a ver com as experiências e aprendizados de fora da escola. Procure significar, também, as relações entre trabalho e devir humano no pensamento dos alunos e alunas, analisando os seus desejos para o futuro.

Com esta atividade, você poderá entender um pouco melhor o que os alunos e alunas querem para o futuro deles e poderá identificar suas fontes de inspiração: se estão na escola ou fora da escola. Além disso, poderá saber se o que os leva à escola são suas aspirações próprias ou se vão à escola porque são obrigados; ou se esperam, no futuro, poder apenas trabalhar, entre outras alternativas. Sabendo o que alunos e alunas desejam e o valor que dão à escola, você terá elementos importantes para planejar seu trabalho do ponto de vista educativo, de modo a contribuir com a escola, para que seja (re)valorada por alunos e alunas.

Como resultado, descreva, analise e interprete pelo menos um aspecto da realidade de alunos e alunas na escola, destacando o valor dessa experiência para o projeto de vida deles.

Entretanto, ainda que as experiências vivenciadas na escola sejam planejadas para atingir o objetivo de educar trabalhadores/as e cidadãos/ãs, elas não estão separadas de outras situações socioculturais que possibilitam outras experiências, de modo que os resultados do planejamento educativo não podem ser previstos com rigor. É assim, afinal, que a cultura é transformada: pela recepção que meninos e meninas fazem dela nas suas vidas. É assim que a escola participa do devir humano.

Assim, questionar a sua própria participação e a participação de outros na escola e na educação sugere uma investigação para responder às seguintes perguntas: o que se ensina e o que se aprende na escola? Onde se ensina e onde se aprende na escola? Como se ensina e como se aprende na escola? Quem ensina e quem aprende na escola? Para que se ensina e se aprende na escola?



5.1 O que ensinamos e aprendemos na escola?

A pergunta “o que se ensina e o que se aprende na escola?” diz respeito ao currículo escolar, que tanto pode ser explícito como oculto.

Você sabe, desde o estudo do Caderno A (Orientações Gerais), que o currículo é composto por determinados conteúdos culturais. Esses conteúdos são selecionados e escolhidos entre todos os conhecimentos que constituem uma cultura. A seleção e a escolha dos conteúdos do currículo são feitas com base em valorações. Quem escolhe e decide sobre os conteúdos oficiais do currículo escolar, em geral, são especialistas em educação, conforme uma política curricular. O currículo tem a ver com uma vida social desejada (por todos ou por alguns), que a escola pode ajudar a construir. Você sabe, também, que a escola é pedagogicamente autônoma: pode decidir como ensinar, com base em legislações e diretrizes oficiais.

O currículo da escola, tal como penso, abrange todos aqueles conteúdos cognitivos, atitudinais, comportamentais, valorativos e disciplinares desenvolvidos nas salas de aula, junto a todas as experiências vivenciadas na escola, fora da sala de aula, e que também envolvem conhecimentos, atitudes, comportamentos e valores não oficiais.

Além disso, o currículo abrange elementos presentes em vivências individuais e coletivas, que são também experimentadas fora da escola. Com isso, você não pode deixar de notar que as vivências escolares se relacionam com as vivências não escolares.

Sendo assim, podemos dizer que, na escola, homens e mulheres (crianças, jovens e adultos) aprendem a escrever e a ler, a falar e a escutar, a pensar e a trabalhar. Aprendem a criar e a sentir. E, é claro, aprendem a ensinar e a aprender. Aprendem a educar(-se). Aprendem a decidir, a escolher e a valorar. Na escola, homens e mulheres aprendem e constroem um mundo próprio, conhecendo o(s) mundo(s) de outras pessoas, com os quais imaginam, planejam, projetam, criam, compartilham, disputam e negociam outros mundos possíveis em diálogo.



Refleta

Você consegue perceber e experimentar tudo o que acontece na escola? Se você percebe e experimenta alguma(s) coisa(s), sabe dizer como acontece(m)?

Você consegue distinguir as coisas planejadas das espontâneas? Essas coisas que você percebe ou experimenta são coisas planejadas ou acontecem espontaneamente?

Você participa das atividades planejadas na escola? Como?

Na escola, aprendemos a ser diferentes do que já fomos e a ser diferentes uns dos outros, à medida em que aprendemos de maneiras diferentes o que o currículo ensina.

5.2 Onde ensinamos e aprendemos na escola?

A escola é composta por diversos espaços nos quais homens e mulheres se educam: sala de aula, pátio, cozinha, refeitório, secretaria, sala da direção, biblioteca, banheiros, laboratórios, quadra esportiva etc.



A escola como espaço de ensino-aprendizagem. Fonte: Freepik

Nesses espaços escolares, homens e mulheres compartilham a vida, as experiências, o jeito de sentir e de pensar, de se comportar, de se relacionar e de trabalhar.

Em convivência, todos se educam: aprendem e ensinam o que sabem com o diálogo, com o trabalho e com os valores que prezam. Assim, acontece o devir humano na escola.

A cada vivência, a cada experiência, homens e mulheres trabalham, brincam e participam da vida da escola e da vida comunitária. Aprendem algo novo e se tornam humanos diferentes.

Sendo assim, podemos dizer que a educação feita na escola pode vincular as experiências do espaço da sala de aula com as experiências em quaisquer dos outros espaços escolares e não escolares. Em uma sala de aula e em todos os espaços escolares, homens e mulheres interagem e trazem consigo, para outros, suas experiências, suas vivências, seus valores, seus costumes, seus gostos, seus modos de falar, de vestir e de organizar os espaços; enfim, trazem suas maneiras de ver e de pensar o mundo. Trazem sua vida e, assim, contribuem no devir humano das outras pessoas.

5.3 Como ensinamos e aprendemos na escola?

A essa altura da nossa investigação, com aquela postura crítica e investigativa mais desenvolvida, você deve ter pensado na alternativa de que homens e mulheres se educam, se fazem, se sentem, se chamam humanos nas relações que estabelecem no convívio entre si nos espaços sociais e que o currículo escolar é composto por essa convivência, além dos conhecimentos, atitudes e valores transmitidos em sala de aula.

O problema para o qual precisamos buscar respostas é: **como o seu espaço e as suas práticas de trabalho na escola podem ser planejadas para que todos possam aprender ali?** É possível planejar as experiências escolares que homens e mulheres vivenciam fora da sala de aula de maneira que se tornem experiências pedagógicas?

Sim, é bem possível! Contudo, é preciso ter claro que uma experiência pode ser planejada (ação pedagógica), mas não pode ser previamente determinada. Ela traz sempre possibilidades de resultados diferentes do que se espera ao planejar, pois a execução do plano é atravessada por outras vivências trazidas de fora da escola por homens e mulheres, como vimos há pouco.



Refleta

Será que isso realmente acontece na escola onde você trabalha?

Será que homens e mulheres mudam na convivência com os outros? Ou será que cada pessoa deseja que os outros sejam como ela mesma?

De que modo seu espaço de trabalho, na escola, pode ser organizado para que todos possam se educar ali?



Atenção

Atente que a experiência abrange a vivência imediata de situações individuais e/ou coletivas, bem como sua significação.

A significação está relacionada à elaboração investigativa e reflexiva da vivência, isto é, a experiência se concretiza quando a vivência é problematizada e provoca a busca de sentido para ela, tal como temos procurado fazer ao longo de nossa investigação acerca do devir humano.



Refleta

Você consegue pensar na escola como um espaço participativo e acolhedor dessa diversidade e pluralidade de vivências?

O diálogo entre essas vivências numa experiência planejada pode construir na escola um ambiente de aprendizagem investigativa e reflexiva sobre as vivências pessoais e coletivas?

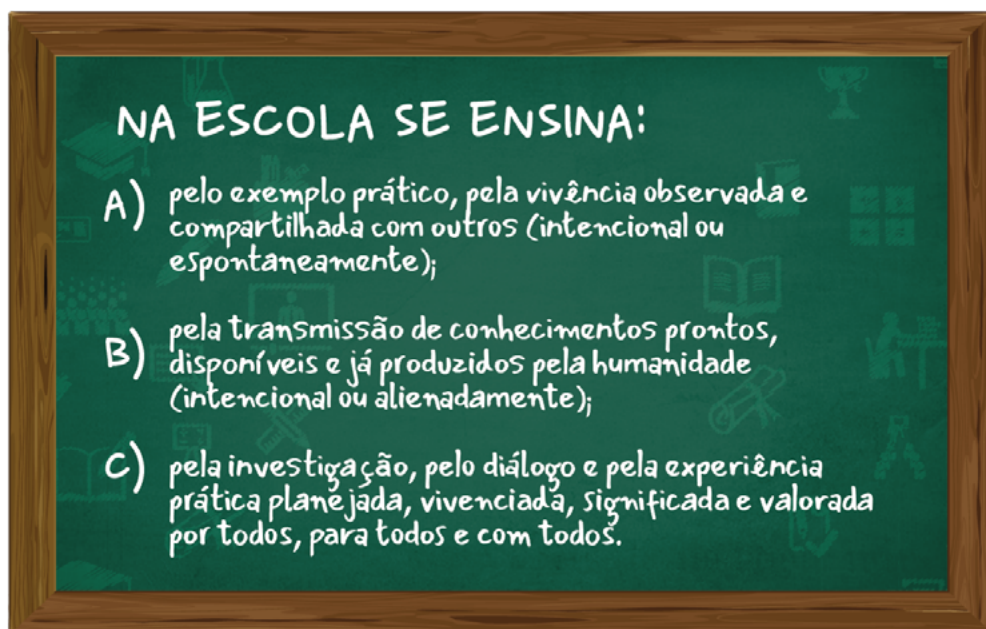
Ou será melhor que os mundos diferentes não sejam compartilhados, disputados, negociados e reinventados, ficando então a educação escolar limitada por modelos de ensino e instrução tradicionais em que apenas professores ensinam, alunos aprendem e funcionários apoiam, sem participar da educação escolar?

Não deixe de registrar essa reflexão, para que possa aproveitá-la logo mais.

Pois então, é importante que os saberes da vida não escolar possam ser problematizados na escola, para que alunos/as e profissionais da educação (funcionários/as, professores/as, gestores/as e diretores/as) possam construir, coletivamente, os conhecimentos de que precisam para conviver com as diferenças e para possibilitar uma educação humana da comunidade que se relaciona na escola.

Essa problematização da educação escolar pode levar você a ter de rever o papel da escola frente à cidadania e ao trabalho, pois as experiências escolares, assim, devem tocar a integridade da vida de homens e mulheres, que poderão escolher que cidadania e que trabalho querem para si mesmos.

Como se ensina na escola, então?



O ensino na escola. Fonte: Elaboração própria.

Desses modos de ensinar, qual deles você percebe que tem sido o mais presente em todos os espaços escolares da escola em que você trabalha?

Considerando o que você já leu e o que já vivenciou na escola, qual desses modos você escolheria como educador/a? Com base em que significados e valores você pode fazer essa escolha? Não deixe de registrar essa reflexão, para que possa aproveitá-la em outras atividades da investigação.

5.4 Quem ensina e quem aprende na escola?

Como “funcionário/a de apoio”, que você tem sido até agora, poucas vezes o sentido e o valor da sua participação na escola e na educação escolar tem sido problematizados, não é? Afinal, em muitos casos, essa participação é tão óbvia, tão a mesma, tão restrita, tão limitada e tão repetitiva que chega a parecer natural e indiferente ao processo educativo escolar. É como se você só pudesse participar da educação na escola cumprindo uma função secundária e conservando as relações já estabelecidas: aluno é aluno, professor é professor, diretor é diretor, responsável é responsável e funcionário é funcionário. Isso chega a chatear ou você está satisfeito/a com essa situação?

Seguindo esse modelo de relação social na escola, cada um assume um papel, cumpre funções e não pode ser diferente nem para si mesmo nem para outras pessoas.

Buscar respostas a esses questionamentos pode ajudar a compreender como o humano se constrói nas práticas escolares, como acontece o devir humano. Ou seja, observando atentamente as práticas escolares, refletindo, significando e valorando-as, você pode saber quem é quem na escola e também pode saber como transformá-las pelo trabalho educativo. Afinal, a escola educa a todos e todos se educam como corresponsáveis pela educação de todos, pela cidadania e pela humanidade.

Parece que, na escola, tudo está relacionado à educação. Assim, parece que, com o seu trabalho, você tem alguma responsabilidade na educação de todos: na sua, na dos colegas funcionários, na dos professores e na dos alunos.



Pratique

Procure responder à seguinte pergunta, levando em conta o que estudou neste Caderno: que contribuições você pode dar à educação escolar considerando-se educador/a nas atividades que realiza na escola?



Refleta

Será que, ao assumir um papel determinado na escola, você continua sendo você mesmo? Será que você pode deixar de ser de um jeito para ser de outro?

E quanto às práticas escolares, você já observou atentamente como elas são?

Homens e mulheres são tratados da mesma maneira? Existe fila para entrar em sala de aula? Quem precisa entrar em fila? E por que alguns não precisam?

As decisões sobre a escola são coletivas ou exclusivas de alguns?

Os/As alunos/as usam uniforme? E os/as professores/as e funcionários também usam?

Há espaço e instrumentos adequados para trabalhar e brincar na escola? Há seleção de resíduos?

Não deixe de registrar essas reflexões, para que você possa aproveitá-las logo mais.

Com este exercício, espero que você possa fazer uma crítica das suas funções, olhando-as do ponto de vista do educador/a. Essa crítica pode ajudá-lo/a a perceber se é preciso mudar alguma coisa ou se tudo está bem como está. O resultado do exercício deve ser uma dissertação na qual você analisa criticamente suas experiências e reflete sobre como poderia ajudar a transformar a escola, sua vida e a de outras pessoas no sentido do devir humano. Um exercício para futura participação no planejamento pedagógico da escola.

Resumo

Nesta última unidade de estudos, destaquei alguns elementos que considero importantes para que você possa se situar e ressituar na investigação e na reflexão sobre o devir humano, problema fundamental para a formação do/a educador/a escolar. Para concluirmos a investigação, é interessante retomar o cerne dos estudos em cada uma das unidades da disciplina, para buscar mais clareza quanto a um posicionamento possível diante da educação na escola. Acompanhe.

Você iniciou a investigação com os seguintes questionamentos gerais sobre as práticas escolares cotidianas: por que são essas práticas e não outras? Como são feitas? Para que são feitas? Que influências podem ter na vida das pessoas e na sua própria vida?

Esses questionamentos estão relacionados a outros problemas diante dos quais você se colocou em cada unidade, de maneira que o problema inicial ganhou complexidade como problema geral, ao mesmo tempo em que foi especificado nos seus elementos principais: linguagem, trabalho e valores.

Nessa especificação, você deve ter percebido que, em cada unidade, o texto abriu possibilidades de relações entre escola, educação e cidadania.

Na Unidade 1, a escola foi significada e valorizada como espaço educativo, criado para ensinar às novas gerações os elementos

culturais mínimos para a convivência social e para o trabalho. Você também viu que os elementos culturais variam em diferentes e diversas culturas e que elas se relacionam umas com as outras, de modo que todas se transformam. As relações são de compartilhamento, disputa, negociação e construção de significados e valores. Além disso, você deve ter notado que o que se aprende na escola poderia ajudar na construção de uma identidade humana no mundo. Resta saber, entretanto, como é possível construir uma cultura que contribua para isso, quando diversidade cultural e etnocentrismo estão em jogo na educação escolar. É preciso que você possa se posicionar sobre esse tema com autonomia.

Na Unidade 2, foram problematizadas as práticas simbólicas, práticas de linguagem e de linguagem na escola, para refletir sobre o sentido de uma cidadania educada no diálogo e na comunicação. Outro problema colocado foi se a educação escolar ajuda na formação de pessoas críticas, bem informadas e dispostas a participar da criação de outros mundos e de outras relações sociais. Aquela unidade sugeriu que as relações com a linguagem e as que estabelecemos com outras pessoas por meio da linguagem não são tão óbvias e transparentes como parecem e, por isso, podem trazer uma série de dificuldades para o entendimento e para as relações de poder na escola. Enfim, podem dificultar a educação do humano.

Na Unidade 3, foram problematizadas as condições práticas e conceituais de trabalho, que são, ao mesmo tempo, práticas educativas, como as práticas de linguagem e as práticas culturais de modo geral. Lá, surgiu a suspeita de que em um mundo onde homens e mulheres trabalham somente para sobreviver, sem pensar em outras possibilidades para o que fazem no trabalho, podem ficar alienados em relação à sua humanidade. Na escola, instituição criada para ensinar, se o trabalho é alienante e alienado, a educação também poderá ser para aqueles que trabalham e se educam nela. Então, perceba que todo trabalho na escola educa e todo trabalho deve ser planejado para educar, mesmo que os resultados não sejam os desejados. Você precisa saber que o seu trabalho na escola é educativo.

Na Unidade 4, você se deparou com as práticas valorativas. Naquele contexto, se perguntou o valor da educação e, especialmente, da educação escolar. Questionou se educar para o trabalho é a mesma coisa que educar para a cidadania. Percebeu que, para decidir sobre essa questão, precisa fazer escolhas e que, para

fazer escolhas, precisa compreender e posicionar-se sobre os valores envolvidos. Não se esqueça de que os valores podem ser construídos e desconstruídos na escola: valores estéticos, éticos e políticos, que integram o devir humano.

Com base no que foi investigado nas Unidades 1 a 4, você pode pensar que homens e mulheres se fazem, se sentem e se chamam humanos quando podem experimentar, em suas vidas, a possibilidade de falar e de escutar outras pessoas, de expressar-se e perceber os outros, de sentir-se e de sentir os outros integralmente: como seres simbólicos, trabalhadores, sensíveis, éticos e políticos. Pode perceber, também, que homens e mulheres vêm a ser o que são na e pela educação de que participam com outros homens e mulheres. Por fim, deve ter notado que, quando desejamos um modo de viver para o humano, homens e mulheres precisam ser educados/as para essa vida, e a escola é um espaço privilegiado nessa empreitada, quando temos consciência do que fazemos e podemos planejar nossas atividades para fins educativos.

Indicação de Leitura e Filme

Leitura

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papirus, 2001.

Filme

MÁ educação. Produção de Pedro Almodóvar. Espanha: El Deseo, 2004. 1 disco blu-ray (106 min).





Palavras finais

Espero que a investigação que propus tenha possibilitado a você refletir, significar e valorar seu trabalho na escola como trabalho educativo, corresponsável pelo devir humano da comunidade escolar. Espero que os conhecimentos que você construiu, tanto para si quanto para sua atuação na escola, tenham contribuído para se perceber em diferentes papéis nas relações escolares, permitindo conhecer melhor e de um jeito diferente a escola, suas práticas e seus espaços. Desejo, também, que essa experiência tenha lhe proporcionado uma reflexão mais cuidadosa sobre a educação escolar e o papel sociocultural da escola. Por fim, espero que você tenha compreendido que não nascemos como somos, mas estamos continuamente nos tornando diferentes de nós mesmos, e que essa compreensão faz muita diferença para a educação e para a escola. Quem sabe, após a investigação que fez até aqui, você possa continuar suas reflexões e transformações ao longo do curso e de sua trajetória profissional. Esse é meu sincero desejo!

Abraço amigo,

Dante

Referências

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith *et al.* **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BESSA, Dante Diniz. **Educação filosófica, crítica!? A filosofia como disciplina do currículo de 2º grau**. 1997. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/246317>. Acesso em: 20 mar. 2024.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 134, 1996.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1998.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 12. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

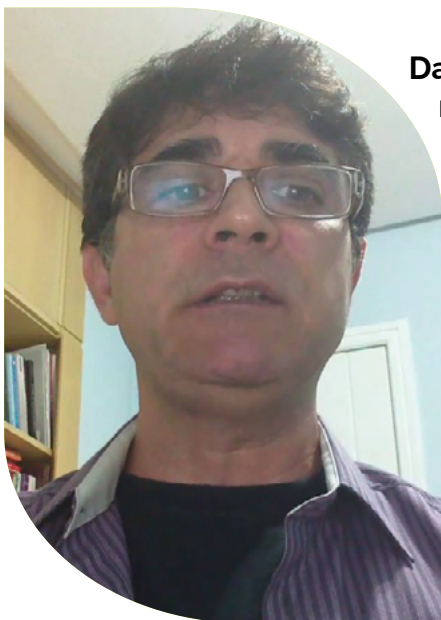
MARX, Karl. **Trabalho alienado**. Cópia reprográfica.

MONLEVADE, João Antonio Cabral. **Funcionários de escolas públicas**: educadores profissionais ou servidores descartáveis? Brasília: IDEA, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Currículo do autor



Dante Diniz Bessa é graduado em Filosofia, mestre e doutor em Educação. Dante é professor do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Pelotas. Com mais de 25 anos de experiência profissional, o autor relata que foi um desafio escrever um Caderno para provocar os cursistas do Profuncionário a investigar as práticas escolares e seu próprio trabalho por si mesmos(as), com o objetivo de contribuir para a (re)construção da identidade profissional. Em sua concepção, este Caderno é uma oportunidade para que os funcionários(as)-estudantes do Profuncionário construam seus próprios saberes sobre a escola e a educação escolar, além de avaliar as possibilidades de atuarem como educadores(as) profissionais na escola.



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

